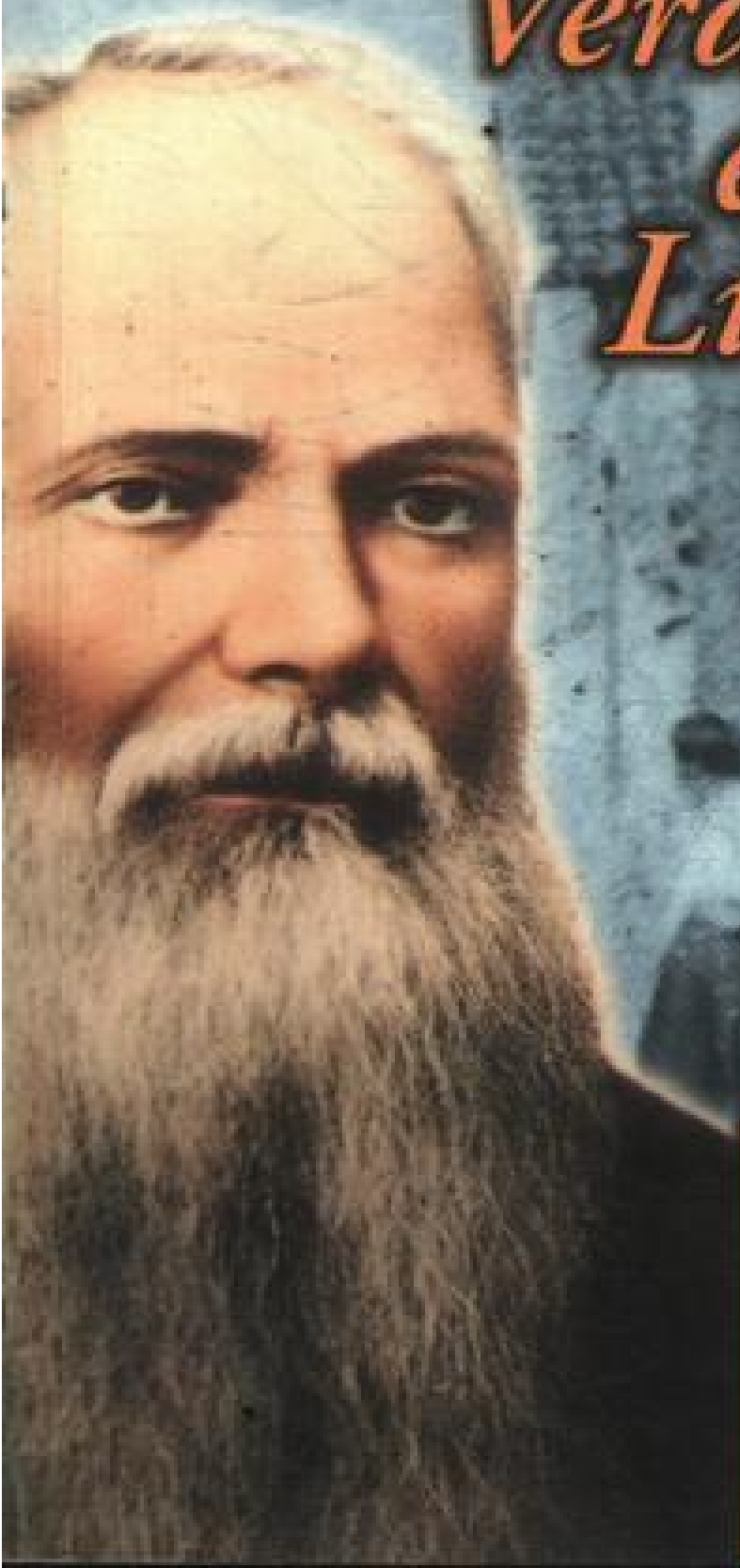


Batuíra

Verdade

e

Luz



Eduardo
Carvalho
Monteiro

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.

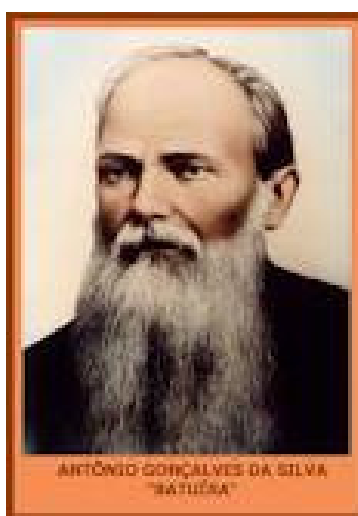


www.ebookespírita.org

Eduardo Carvalho Monteiro

Batuíra

Verdade e Luz



Conteúdo Resumido

Este livro é uma biografia completa do abnegado pioneiro do Espiritismo em terras de Piratininga (São Paulo) Antônio Gonçalves da Silva, o Batuíra, um dos maiores personagens do Espiritismo no Brasil.

Sumário

Um projeto, uma luz e um livro / **03**

Palavras necessárias / **05**

I - Visitando São Paulo antiga / **06**

II - Os primeiros anos / **16**

III - O teatro da Cruz Preta / **20**

IV - A luta abolicionista / **24**

V - O surto variólico em 1873 / **30**

VI - Bafejado pela fortuna material / **32**

VII - Saravá, doutor batuíra! / **34**

VIII - A conversão / **40**

IX - Histórico da fundação da instituição beneficente Cristã "Verdade e Luz" / **46**

X - Criação do periódico "Verdade e Luz" / **51**

XI - Polêmica religiosa / **57**

XII - Batuíra noticiou discos-voadores em 1897 / **60**

XIII - Cenas de uma vida edificante / **62**

- Depoimento de Carlos Jordão da Silva

- Batuíra e Anália Franco

- Batuíra em Campinas

- Batuíra em Minas

- Opinião de Cairbar

- Apoio a FEB

- Nunca é tarde demais

- Receita para marido infiel

- O hospício do Batuíra

- O gosto da cana

- Ao pé do ouvido

- A bica do convertido

- O tempo de

- Simplesmente Zéca

XIV - Chácara dos obsidiados / **79**

XV - O desencarne / **82**

XVI - A instituição cresceu e sobrevive até hoje / **85**

XVII - Batuíra materializado / **88**

XVIII - Presença do espírito de Bатуíra na produção psicográfica de Chico Xavier / 93

- Obras do autor / 99

- Bibliografia / 100

Um projeto, uma luz e um livro...

Nossa amizade (pelo menos nesta encarnação) começou com a confecção do livro *Irmão X, Meu Pai*. Foi por intermédio dele que conheci o escritor e jornalista Humberto de Campos Filho. Ele ali, com seu jeitão carioca e gozador, a contar histórias do imortal Humberto de Campos, o Irmão X, com tal riqueza de detalhes e emoções que eu próprio parecia ter convivido com "o velho".

Fui várias vezes à casa de Humberto Filho. Lá, mostrou os pertences pessoais de seu pai (a máquina de escrever, a bengala, o pince-nez, o aplicador de colírio, etc), que deram origem ao Memorial Humberto de Campos, apresentado na XV Bienal Internacional do Livro, em 1998, em São Paulo.

Lançado o livro *Irmão X, Meu Pai*, um sucesso, Humberto já começava a pensar num futuro trabalho. Sentia no seu íntimo uma vontade imensa de produzir.

E eu já havia aprendido a conviver com seus olhares. Sabia que, mais dia, menos dia, Humberto viria pedir-me opinião sobre "uma nova idéia, rapaz, o que é que você acha?" Era uma pesquisa, um embrião de um novo livro, os primeiros rabiscos sobre a vida de Bатуíra.

Achei a idéia ótima, o entusiasmo de Humberto contagiante. Imaginava ele algo épico, grandioso, título provisório "Heróis da Caridade". Falaria de Bатуíra e outros personagens.

Mas a pesquisa parou. Nenhuma folha foi mais escrita desde dezembro de 1997. Humberto de Campos Filho ficou doente, foi internado no início de 98 e desencarnou em março. A pasta de recortes, anotações e escritos ficava na mesa de seu apartamento, no mesmo lugar desde dezembro.

Foi quando decidimos, na própria Bienal do Livro de abril de 98, dar prosseguimento ao trabalho iniciado por Humberto Filho.

E, como nada acontece por acaso, recebemos em nosso stand na Bienal

a visita do escritor Eduardo Carvalho Monteiro, talento reconhecido dentro e fora do meio espírita. Pesquisador, biógrafo, escritor, articulista e possuidor de uma grande biblioteca em sua casa, Eduardo era o facho de luz colocado no caminho para terminar o trabalho iniciado por Humberto.

Assim foi. Eduardo aceitou a tarefa, desenvolveu, ampliou, concretizou e finalizou a obra sobre Batuíra que, agora, ganha seu espaço eterno nas bibliotecas e mentes dos leitores.

Era um trabalho que precisava ser acabado. Começou com Irmão X, foi para Humberto de Campos Filho, passou para Eduardo Carvalho Monteiro e fechou com Batuíra – Verdade e Luz.

O ciclo está completo. A obra está pronta.

Boa leitura aos amigos. Obrigado aos Humbertos. Minha gratidão a Eduardo.

Celso Maiellari

Palavras necessárias

Desde muitos anos, quando começamos a tarefa de registrar a memória do Espiritismo em São Paulo, alimentávamos o desejo de deixar para a posteridade uma trilogia biográfica dos maiores pioneiros espíritas no Estado: Cairbar Schutel, Anália Franco e Batuíra. Ao entregar ao público, portanto, este Batuíra — Verdade e Luz, cremos estar deixando para as gerações futuras um quinhão importante de nossa memória, para que sirva de exemplo e incentivo aos que farão nossa história no futuro, e estar completando nosso desejo inicial.

Como observaremos na leitura deste livro, após o desencarne de Batuíra, a Instituição Beneficente Cristã Verdade e Luz passou por muitas dificuldades e quase veio a desaparecer, não fosse um confrade iluminado que a fez reerguer-se, Dr. Pedro Lameira de Andrade. Substituiu ao Lameira, levantando a hipoteca do único imóvel da Instituição e aumentando-lhe o patrimônio com duas valiosas propriedades em Poá e Porto Ferreira, onde se mantêm excelentes serviços assistenciais aos mais necessitados, D. Maria Janoni Novazzi, ainda encarnada na data do lançamento desta obra.

Por justiça, portanto, ao Dr. Lameira e à D. Maria dedicamos esta obra, em reconhecimento ao que fizeram como continuadores do ideal de Batuíra.

Uma outra homenagem gostaríamos de prestar à figura de um espírita que foi um amigo e um mestre, não só deste autor, mas de uma infinidade de espíritas que beberam, na fonte de seus conhecimentos, orientações e incentivos a seus trabalhos na seara espírita. Refiro-me a Stig Roland Ibsen, que, por certo, hoje também integra a falange de Batuíra na sustentação do movimento espírita do Brasil. Ao Stig, pois, nossa lembrança afetuosa de amigo reconhecido.

Por último, gostaríamos de consignar nossos agradecimentos ao confrade Luciano Klein Filho, pela cessão de microfilmes do Reformador e a Lorehy Novazzi, atual Presidente da Instituição Verdade e Luz, pela atenção e por nos ter disponibilizado os arquivos da Entidade.

Eduardo Carvalho Monteiro



Primeira planta da Imperial Cidade de São Paulo, pelo Capitão de Engenheiros Rufino J. Felizardo e Costa (1810) e copiada em 1841 (legenda e inscrição das ruas pelo autor). Revista pelo Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

I

Visitando São Paulo Antiga

Viajemos ao passado. Com uma moderna câmara de vídeo na mão e uma idéia na cabeça, regulamos nossa máquina do tempo para cento e tantos anos atrás e desembarcamos na velha Paulicéia.

A caixinha de surpresas está aberta. São Paulo respira ares eminentemente rurais. A população condensa-se entre os límpidos rios Tamanduateí e Anhangabaú (que saudades!), agradecida pela descoberta desse paraíso por Anchieta e Nóbrega, onde desde 1554 fincaram as bases de seu Colégio. No campo do Bexiga, relata Affonso de Freitas em seu *Tradições e Reminiscências Paulistanas*, que abrangia todo o espaço entre as ruas da Consolação e Santo Amaro, caçavam-se perdizes, veados e até escravos fugitivos. Os largos de Guaianases, do Arouche e a Avenida Tiradentes eram ainda o Campo Redondo, do Arouche e da Luz, e as chácaras do Charpe, Bom Retiro, do Arouche e da D. Anna Machado, do Barão de Limeira, dos Fagundes e de D. Alexandrina de Moraes fechavam os limites da "despovoada" cidade (27.800 habitantes) num círculo de latifúndios baldios: só nos últimos dias do século passado é que se adensariam demograficamente e se transformariam nos fulcros dos atuais bairros centrais dos Campos Elíseos, Bom Retiro, Vila Buarque e

Rua Conselheiro Furtado, Avenida Brigadeiro Luís Antônio e adjacências.

Nosso passeio prossegue. A videocâmara insaciável não quer perder nenhum detalhe. Ela agora descobre o Morro do Chá e espanta-se com a grande plantação na chácara da Baronesa de Tatuhy — ops! Nossa câmara treme, perde o foco, mas recupera-se... quase fomos atropelados por um carro de praça! Incrível! Sobre quatro rodas, uma boléia e um varal com dois cavalos atrelados, estala seu chicote fino e comprido um chauffeur de chapéu coco, levando no carro seis passageiros espremidos num assento almofadado, no fundo, e no banquinho de baixar, colocado atrás da boléia. Mas onde estávamos mesmo? Ah! No morro no qual hoje se assenta o formigueiro da Rua Barão de Itapetininga e onde nossa câmara de vídeo está a registrar a plantação da preciosa teácea de Joaquim José dos Santos Silva, sobrinho do Brigadeiro Francisco Xavier dos Santos, que mais tarde viria a ser o rico Barão de Itapetininga, falecido em 1876. Saibam, pois, disto todos os que caminham celeremente por essa via no século XXI em busca de seu ganha-pão, e que vêem numa placa azul de esquina apenas um punhado de letras. Evocando na, espiritualidade seu criador, quem sabe não encontrem a inspiração do mais rico fazendeiro da Capital em 1850 para faturar seu rico dinheirinho?



Rua XV de Novembro (Antigo do Rosário e depois Imperatriz) em 1861

Indiferente a essas bucólicas paisagens, o progresso forçou a Jules Martin projetar em 1882 uma enorme estrutura metálica que, inaugurada em 1892, recebeu o nome de Viaduto do Chá. Das antigas lembranças,

apenas o nome, pois tiveram os descendentes da Baronesa de Tatuhy que aceitar a desapropriação da bela chácara para a formação da Rua Nova São José, hoje Líbero Badaró. O progresso impiedoso venceu...

Nas mãos das damas elegantes a câmara está a focalizar os leques, acessório indispensável, naquele domingo de sol, da "toilette" feminina, completada pelos vestidos estufados e as gargantilhas de renda. Encantador ornato, eles são de charão, madrepérola ou preciosas penas de avestruz.

A iluminação pública a gás não havia chegado. À hora do crepúsculo, o azeite é aceso pelos responsáveis pelos postes que abrigam os providenciais candeeiros.

A cidade, à época de nossa filmagem, dividia-se nas Freguesias da Sé, Efigênia e Brás. A viação urbana compunha-se de carros e tálburis de aluguel, e suas viagens, cobradas entre \$500 e \$200, tinham por destino a Chácara do Capitão Benjamim, Rua de Santo Amaro, Chácara do Conselheiro Falcão, na Mooca, Igrejas do Brás, da Luz, da Consolação, e Campo Redondo, Largo do Arouche, Morro Vermelho e Lavapés.

Lavapés... Vamos focar nossa lente ali. Contam cronistas — historiadores que a origem do nome dessa rua pode estar ligada ao ato católico de imitar na quinta-feira santa o procedimento do Nazareno de limpar os pés de seus discípulos. Visitemos, então, nossos irmãos piratininganos do passado, na Rua Lavapés, e surpresa! Lavapés não vem daí! Observemos a higiene dos transeuntes, ao percorrerem a trilha que irá transpor as divisas do além-Cambuci em direção à Freguesia do Brás. A divisa é um córrego que faz suas evoluções pelo varzeado de Tapanhoim, na estrada poeirenta que antecede a íngreme subida da Rua da Glória. Ali, algum anônimo cidadão colocou uma prancha que serve à coletividade peregrina, de pau tosco, entre gramíneas e fedegosas, formando uma convidativa bacia natural, onde os viandantes descansam, eles próprios e os animais, lavando seus pés, sob os olhares curiosos das lavadeiras.

Lavapés... assim se immortalizou o córrego que deu lugar ao burburinho agitado de uma rua afogada nas modernas máquinas sobre quatro rodas. Vão-se longe os costumes da gente do sertão de descalçar as botinas que traziam as marcas da poeira e do barro da Várzea do Carmo.

Nada mais surpreende a nossa lente. Uma criatura circunspeta cruza

nosso caminho. Iniciamos um diálogo. Ele diz chamar-se Marques, Gabriel Marques (*). Perguntamos-lhe sobre a existência de uma tal Rua Espírita. Sua primeira reação é de espanto. Depois relaxa, olha-nos com certa desconfiança e responde com outras perguntas:

(1) *Gabriel Marques, Ruas e Tradições de São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1966.*

— Por que estás a me perguntar sobre essa rua? Acaso seria pelo velhote de nome Batuíra que lá habita?

Não entendemos bem a razão de tamanha surpresa, mas achamos de bom alvitre responder afirmativamente. Dizendo, então, ser historiador, o estranho Marques saiu-se com esta:

— Na última visita que fizemos a essa antiga rua, a fim de verificar "ele visu" o seu progresso, procuramos obter informações sobre a existência do velhote Batuíra, da sua tenda e dos seus sortilégios.

— Sortilégios?!... — espantou-se a pessoa com a qual falávamos, na rua. O senhor disse "sortilégios"?..

Era um morenaço farto de carnes; largo de peito e de pupilas raiadas de sangue. Gingava um pouco no andar e tinha cara de lua cheia. Sem chapéu. Pixaim tosado rente. Quando falamos em "sortilégios", suas manoplas alisaram nervosamente o amplo queixo e as beíçorras se esticaram num sorriso vermelho e mole...

— O senhor falou acaso em feitiçaria?...

— Bem... Nós...

Quisemos melhor esclarecer nossa boa intenção. Mas não foi possível. O homenzarrão não nos deu vez a isso. Sua voz tonitroante dominou nossa vontade.

— Pois está errado! Completamente errado!— prosseguiu ele. — Nesta rua, que até viu nascer minha avó, nunca houve uma tenda de feitiçaria. Nem ontem, nem hoje, nem nunca. Tenda espírita, isso sim. Essa, já houve, e das melhores. Agora há outras, por aí, mas todas muito legais. É de justiça, amigo, não confundir feitiçaria com espiritismo. São práticas diferentes; o senhor sabe disso? Uma cuida do bem; a outra do mal. Um trabalha com Nosso Senhor Jesus Cristo. Numa há médiuns e protetores; noutras há orixás e pais-de-santo. A diferença é, pois, da água para o vinho; está entendendo o senhor?



Rua Direita (1862). Ao fundo, cortando a rua, o sobrado da Baronesa de Tatuhy, que foi demolido em 1869 para, no local, ser construído o Viaduto do Chá.

— Mas... Acontece que...

— Não, meu amigo! Não acontece coisa nenhuma! O senhor está falando com quem conhece do riscado. Sou espírita; minha mãe é espírita, meu pai também é espírita, minha avó, que Deus a tenha no reino da Glória, também era espírita. E mais: é com muita honra que moramos aqui na rua do velho Batuira — a Rua Espírita; sabe disso?

— Sim; sabemos. Mas, é que...

Ainda dessa vez não pudemos prosseguir. Com um gesto decisivo e largo o homem nos interrompeu, à bruta:

— Chega! Já vi tudo! Descrente! Católico-apostólico-romano! Mas sempre saiba, para seu bom governo, que um padre já escreveu, não sei onde, mas com muita sabedoria, que estar com Cristo, em qualquer lugar, ainda que seja no Reino do Inferno, é estar no Paraíso!

Demo-nos por vencidos. Içamos bandeira branca sem nem ao menos exigir condições...

Curioso tipo de homem, aquele. Para Freud talvez não tivesse mistério algum. E mestre Maupassant dele faria, por certo, um tipo imortal, aumentando assim a sua já admirável galeria de almas. E que surpreendentes conclusões mestre Gorki não arrancaria da alma confusa

daquele pernóstico mestiço?...

Após o gesto despótico que nos tapou insolentemente a boca, e após sibilinas frases pronunciadas de cabeça baixa, beiçorra esticada e olhos fechados, o mestiço prosseguiu, agora com maior convicção:

— Já sei; já sei. Mas é preciso conhecer a verdade em "O Livro dos Espíritos", do grande pai Allan Kardec. E para não caçoar mais da Doutrina santa é bom que o senhor leia "O Evangelho de São Lucas" Conhece? Nele se conta que, certa vez, levaram à frente de Cristo um homem possesso, que diziam ter o demônio no corpo. O homem urrava, como bicho; esperneava, como bicho; babava e não atendia a ninguém, como um perfeito bicho. Que fez então Jesus Cristo? Jesus Cristo mandou que o espírito maligno dele se retirasse e deixasse o coitado em paz. Que aconteceu após as palavras de Jesus? O homem caiu no chão. Rolou no chão. Gritou. Estremeceu. Urrou e depois ficou bom. Sarou. Voltou a ser homem, como os outros homens. O maligno saiu dele numa ventania que a todos assustou. O homem depois nem sabia dizer o que com ele de verdade havia acontecido. O senhor está entendendo? Está?

O mulato, certo da verdade que pregava, queria falar mais. Destravada a língua, ameaçava espalhar-se em mais amplas explicações. Mas nós preferimos ver a rua; conhecer a rua; sentir o progresso da rua; entrar em contato com a alma da rua.

Então, deixamos o homem falar sozinho...

— Adeus, amigo! E obrigado por tudo!

A resposta custou um pouco, mas, afinal, saiu:

— Vá! Vá com Deus, Nosso Senhora.

Nós então fomos com Deus, Nosso Senhor... Fomos com Deus Nosso Senhor e "achamos que esta Rua Espírita é, sem favor nenhum, uma das boas vias públicas paulistanas". Começa na Rua Lavapés e fica no fidalgo bairro do Cambuci. Já se moderniza. Há nela alguns prédios dignos de apreço. São prédios de linhas modernas. Até bonitos. Arejados. Funcionais. Na rua já se nota regular movimento de veículos e pedestres. O progresso vai nela acentuando-se dia a dia. Dentro em breve será, sem dúvida, uma das principais artérias de São Paulo.

Deram-lhe o nome de Rua Espírita. Isso foi em virtude do Senhor Doutor Batuíra, o Espírita. Lembrança do povo, que a tradição oficializou.

É hoje rua alegre, confraternizadora. Todos ali se estimam. Todos amam todos. Modéstia e compreensão geral são ali sentimentos generalizados. É Já artéria de bairro seletto, de ambiente agradável. Nela não há batuques de babalaôs. Nem mulher louca à procura de faca. Nem a tenda do Doutor Batuíra. Nem demônio de cara preta...

É rua que não envergonha São Paulo.

Saravá, Rua Espírita do Senhor Doutor Batuíra!

A história do sr. Marques excitou-nos a curiosidade. Prosseguimos nosso périplo pela São Paulo do século XIX. Sabíamos que de 1820 a 1850 pouco havia se modificado nas características da cidade e que São Paulo, em 1850, com seus quase 28.000 habitantes, era menos populosa que Cuiabá, que tinha 35.000 habitantes, e São Luiz do Maranhão, que já contava com 31.600 habitantes.

Junto ao progresso econômico do Estado, vindo principalmente com o desenvolvimento da cultura do café e a industrialização, aconteceu a transformação de sua Capital em pólo cultural dos mais importantes do país, com a presença dos estudantes de Direito e a proliferação das publicações literárias, que tiveram seu apogeu em torno de 1860. Dentre os acadêmicos da Faculdade São Francisco, muitos alcançaram grande projeção política e literária, como Álvares de Azevedo, Bernardo Guimarães, Joaquim Nabuco, Ruy Barbosa e outros.

E nós estamos visitando São Paulo nessa época!

O teatro? Ah, o teatro! Deixavam-se de lado os dramalhões estrangeiros, e as peças representadas começaram a enfocar ambientes e temas nacionais. Martins Pena, João Caetano, Alencar, Macedo, França Júnior, eram encenados com o mesmo brilhantismo que o observado nas exhibições de música erudita e popular. A Casa da Ópera, fechada por alguns anos, passou a ser de uso do Teatro Acadêmico do curso jurídico. O Teatro São José, seu substituto, foi inaugurado em 1864, no Largo São Gonçalo (atual Praça João Mendes), e possuía acomodações para mais de 1.200 pessoas.



Teatro São José, em 1860, ainda não terminado.

Nas proximidades, ficamos sabendo da existência de outro teatro de proporções mais modestas, que funcionava na Rua da Cruz Preta (atual Quintino Bocaiúva), entre as Ruas do jogo da Bola (Benjamin Constant) e da Freira (Senador Feijó), o qual dispunha de um palco pequeno, platéia com um só tipo de tribuna para duzentas pessoas, tudo improvisado no fundo de uma taverna. (2) Era o teatrinho do português Antônio Gonçalves da Silva, também conhecido como Batuira, e que funcionou entre 1860 e 1870.

(2) *Informações contidas em São Paulo Histórico, de Nuto Sant'Anna, vol. V, 1944; Memórias para a História da Academia de São Paulo, de Spencer Vampré, vol. II, 1924; e História e Tradições da Cidade de São Paulo, de Ernani Silva Bruno, edição especial sob o patrocínio da Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, vol. II.*

Batuira? O nome não soava estranho. Já havíamos ouvido referências a essa figura. Estávamos nas proximidades da Rua da Cruz Preta, máquina de vídeo à mão, quando passa um jovem maltrapilho, gritando a todos os pulmões a exibição, às 20 horas, da peça O Rabecão naquela sala de espetáculos. Imperdível. Algumas voltas pelas proximidades para aguardar a hora da representação e, entre casas pobres e largos sobrados, descobrimos a Loja do Juca Mamede, na Rua da Imperatriz (atual 15 de Novembro). Misto de botequim e de armazém, exalando olor clássico de recintos úmidos e fechados, é um estranho ambiente que atrai a fina flor intelectual da cidade. Altos funcionários públicos, prelados notáveis, lentes e estudantes da Faculdade de Direito e até o Presidente da

Província, contaram-nos, compareciam à loja do Juca Mamede para discutir política, religião, finanças... Ficamos sabendo, inclusive, que a própria Maçonaria lá urdira a Independência do Brasil, enquanto por seu calçamento desfilavam os famosos Dragões do Império.

Naquele instante, aquele cenário pertencia à nossa câmara indiscreta... carros de bois, negras de tabuleiros à cabeça, veículos austeros com cortinas de gorgorão transportados por escravos, muares puxados pelo focinho por tropeiros, sabe-se lá de onde, avançando lentamente, erguendo poeira ou chapinhando indiferentes à lama...

A hora chega. O Teatro da Cruz Preta, ou melhor, do Batuíra, está completamente lotado. Na platéia impaciente, excitada, podemos registrar a presença prestigiosa de Martinico Prado, Domingos Marcondes, Souza Lima e do futuro Barão do Rio Branco, entre a maioria estudantil. Abrem-se as cortinas e entra o diretor-ator para anunciar o espetáculo.

Apupos, assovios, aplausos, pilhérias carinhosas são recebidos com bom humor e reverência. A ovação estende-se e deixa Batuíra impaciente. Ele se queixa, implora silêncio para iniciar o espetáculo.

A platéia se acalma. Afinal, todos pareciam estar ali para apreciar a arte dramática do português. No ar, a expectativa do começo da exibição. Os atores aprumam-se, o silêncio se faz no ar. Súbito, roubando a concentração dos atores, um estudante espolca no ar um improviso:

Salve! Grande Batuíra!
 Com teus dentes de traíra,
 Com teus olhos de safira,
 Com tua arte, que me inspira,
 Nas cordas de minha lira,
 Estes versos de mentira! (3)

(3) *Em A Academia de São Paulo — Tradições e Reminiscências — Estudantes, Estudantões, Estudantadas, volume 2 (2ª série), 1907 — Almeida Nogueira. / Improviso atribuído a Bernardo Guimarães.*

A platéia explode em gargalhadas. Os atores perdem a concentração, mas ninguém se agasta. Tudo é festa, tudo é diversão no Teatrinho do Batuíra.

Após a exibição, é hora de recolher-se. Os candeeiros estão para ser apagados, as repúblicas dos estudantes recebem seus últimos boêmios, o

céu de São Paulo brilha na luminosidade das estrelas, a cidade dorme.

E nós, câmara de vídeo debaixo do braço, curiosidade mais do que saciada, retornamos à nossa máquina do tempo, não sem antes nos perguntar: quem terá sido essa inolvidável figura do século XIX, apelidada simplesmente de Batuíra, que conseguia despertar com seu carisma tanta admiração entre os mais simples quanto entre os intelectuais de sua geração?

Nosso tempo acabou. Afinal, o que seria o tempo para os grandes avatares da humanidade? Se suas ações transpõem o ritmo das horas e permanecem gravadas na memória da humanidade, que importa a contagem das horas, se eles vivem no tempo do não-tempo?

Assim, absortos na imagem da ave que, lépida, ignora os obstáculos e armadilhas do mangue, buscando seu destino, retornamos à realidade da nossa época, trazendo na memória a intrigante imagem do senhor Batuíra.

Mediunidade e nós

"Mediunidade é plantação constante de bênçãos. Não nos incomode a vestimenta das idéias que, às vezes, o alfaiate do verbo, naturalmente, despende tempo e esforço a compor no máximo de segurança. Importa a essência que jamais se altera, porque decorre espontânea das nossas necessidades de entendimento e reconforto, estudo e estímulo na sustentação das nossas responsabilidades de família espiritual, em determinado setor de ação.

Estejamos juntos, alegres e confiantes, calmos e seguros de nós mesmos, por mais difíceis se manifestem às tempestades em torno."

Batuíra/Chico Xavier
Mais Luz

II

Os primeiros anos

Interroguem o tempo sobre São Paulo Antiga. Peça aos grãos de sua ampulheta os segredos que guarda da cidade no século XIX e de uma de suas ilustres figuras, o português Antônio Gonçalves da Silva, carinhosamente cognominado Batuira desde jovem, quando ligeiro percorria, em 1864, as ruas centenárias da cidade vendendo o jornal A Província de São Paulo a 40 réis. 'Batuira' era uma das denominações populares da narceja (4), ave pernalta, ágil, que freqüentava os charcos proporcionados pelas enchentes do delta, formados pelas correntes dos Rios Tamandateí, Anhangüera e Lavapés.

(4) Narceja — Ave caradriiforme da família dos escolopacídeos que, como residente ou como migratória, ocorre em toda a América do Sul. Freqüenta os brejos, onde se alimenta de invertebrados.

Antônio Gonçalves da Silva nasceu português aos 19 de março de 1839 na Freguesia de Águas Santas, distrito da Maia. Segundo seus vários biógrafos, as informações de sua mocidade são muito escassas e parecem provir de uma mesma fonte. No entanto, permitimo-nos algumas especulações. Filho de humildes camponeses, tendo apenas completado a instrução primária, aportou no Rio de Janeiro em 3 de janeiro de 1850, com apenas 11 anos. Teria vindo com os pais? Que notícia se tem deles? Ao que nos chegou até os dias de hoje, nenhuma referência há de seus pais. Ele próprio parece nunca ter-se referido a eles.

Durante três anos (11 a 14 anos), Batuira trabalhou no comércio da então Capital do Império, quando se mudou para Campinas para trabalhar na lavoura e, após curta passagem, estabeleceu-se definitivamente em São Paulo.

Deveria ter, então, não mais que dezessete anos, e o ano, por volta de 1856. A cidade vivia momentos agitados. Até 1865 teria oito presidentes e cinco vice-presidentes. Em 1856, com uma população de 30.000 habitantes, o presidente Francisco Diogo de Vasconcelos tinha como preocupações a construção do Paço para a Assembléia provincial e o andamento das obras do único teatro da cidade. Seu sucessor, Fernando

Torres, em 1857, empenhou-se em melhorar o calçamento da cidade, sobretudo da Rua São Bento e das ladeiras que demandavam ao largo do Piques, e minorar os defeitos de abastecimento de água. Também ativou as obras do Teatro São José, cuja primeira pedra se lançou a 9 de abril de 1858.

O portuguesinho Antônio Gonçalves da Silva procurava integrar-se à vida da cidade. Desde a gestão do presidente Brigadeiro Bernardo José Pinto Gavião Peixoto (1836-1838), a arte tipográfica vinha sendo incentivada em seu desenvolvimento e de 1850 a 1860 quase cem periódicos surgiram em São Paulo, acompanhando o limiar do crescimento da cidade, cujo marco pode ser considerado a instalação dos cursos jurídicos em 1828.

Foi neste ambiente que se envolveu Antônio Gonçalves, até tomar o apelido de Batuira, pela rápida e eficiente entrega de jornais, como já descrevemos.



Rua da Glória, subida da rua Lavapés em 1862

De 1861 a 1870, apareceram na Capital sessenta jornais novos. No interior, a primeira localidade a ser dotada de imprensa foi Sorocaba (1842), seguindo-se Santos (1848), Itu (1849), Guaratinguetá (1859), Campinas (1860), Taubaté (1861), Pindamonhangaba (1863), Bananal (1867), Areias (1869) e Caçapava (1870).

Desse aluvião de jornais vindos a lume na Capital de São Paulo durante o Império, apenas o Correio Paulistano (1854), A Província de São Paulo (1875), O Diário Popular (1884) e A Platéia, a princípio semanário e

depois diário (1888), conseguiram romper o novo século e manter-se ininterruptamente, desde as primeiras edições, como orientadores da opinião pública. Destes, O Estado de São Paulo e o Diário Popular sobrevivem até hoje.

O país em geral começou a intelectualizar-se com a democratização da cultura e da informação através do desenvolvimento e proliferação da tipografia. Do âmbito da Academia de Direito, as idéias republicanas e abolicionistas espalham-se pela população. O sentimento nacionalista é exacerbado, mas a ofensiva contrária se faz sentir por parte dos monarquistas e da oligarquia escravocrata.

Pires da Mota foi o presidente da Província de 1862 a 1864, promovendo a reconstrução do Palácio da Administração Provincial e inaugurou o Teatro São José a 4 de setembro de 1864, apesar de suas obras não estarem concluídas.

Humilde, esforçado, trabalhador, Batuíra era um jovem enturmado com outros jovens aquinhoados pela ventura de poder cursar a vida acadêmica, mas nem por isso se fazia menos digno. Trazendo consigo o espírito cristão, que foi seu apanágio por toda a vida, o jovem respirava o ar de sua época e inflamava-se com as idéias de igualdade entre as raças e da luta pela abolição da escravatura. Amar seus irmãos em humanidade, como viria a prodigalizar tanto, anos depois de converter-se ao Espiritismo, significava ignorar os detalhes de raça, cor, nível social, religião e credo político. Foi com naturalidade, portanto, que se engajou no movimento abolicionista de maneira ativa.

Batuíra uniu-se em primeiras núpcias a Brandiria Maria de Jesus e desse consórcio nasceu Joaquim Gonçalves Batuíra, desencarnado em 1895.

Enviuvando de Dona Brandiria, Batuíra casou-se com Dona Maria das Dores Coutinho e Silva, que desencarnou em 3 de novembro de 1916. O único filho do casal, também chamado Joaquim, desencarnou criança, conforme relataremos adiante.

Suprimento

"O Suprimento das Forças Divinas verte em nosso favor, à medida que descerramos mais vastas possibilidades em nossos canais de trabalho e cooperação na vitória do Bem. Trabalhemos na expansão da luz e estejamos na certeza de que o Senhor nos abençoará e sustentará hoje e sempre."

Batuíra/Chico Xavier Mais Luz



Rua da Cruz Preta, onde se localiza o Teatrinho do Batuira

III

O teatro da Cruz Preta

A arte dramática não é ainda entre nós um culto; as vocações definem-se e educam-se como um resultado accidental. As perspectivas do Belo não são ainda o imã da cena; o fundo de uma posição importante ou de um emprego suave é que para lá impele as tendências balbuciantes. As exceções neste caso são tão raras, tão isoladas, que não constituem um protesto contra a verdade absoluta da asserção. Assim, Machado de Assis iniciava o primeiro de uma série de artigos de crítica teatral, no periódico *O Espelho*, em 2 de outubro de 1859.

Tinha razão Machado de Assis. As artes cênicas ainda eram incipientes no Brasil e só começaram a ganhar impulso com a chegada da família imperial. João Caetano dos Santos, nascido em 1808 no Rio de Janeiro, ator e empresário teatral de talento indiscutível, foi o grande propulsor do teatro e incentivador de escritores brasileiros pelas letras dramáticas, aos quais convocava através da imprensa.

Bahia, Rio de Janeiro e outras cidades já tinham seu teatro, seus atores, e companhias trabalhando, mas São Paulo só possuía a Casa da Ópera, que funcionava raramente e estivera fechada por alguns anos no começo do século. A criação dos cursos jurídicos fez com que muitos estudantes,

desde os primeiros anos de Academia, escrevessem e dramatizassem suas peças e os dramalhões estrangeiros em moda na época.

O nível delas foi-se elevando e surgiram as peças de autores pátrios com qualidade, como as de Martins Pena, Alencar, Macedo, França Júnior e outros, forçando a necessidade de mais casas de espetáculos.

O estudante Gabriel José Rodrigues dos Santos, da turma de 1832-1836, fez construir na chácara de sua mãe, no Cambuci, um pequeno teatro, no qual os estudantes "se recreavam" (5). Entre 1843-1847 existiu ainda outro teatrinho na freguesia de Santa Efigênia, "cômico e burlesco, destinado a despertar hilaridade" (6).

(5) *Almeida Nogueira em A Academia de São Paulo — Tradições e Reminiscências.*

(6) *Idem.*

Outros teatros foram projetados, mas não saíram do papel.

A opção principal ficou sendo o Teatro São José, inaugurado provisoriamente em 1864 no largo de São Gonçalo, (atual Praça João Mendes), que era então ajardinado e tinha grandes árvores. Só ficaria acabado definitivamente em 1874, apesar dos grandes recursos investidos nele.

Daí deduzir-se a importância da iniciativa de Batuira ao criar o Teatro do Batuira ou da Cruz Preta, como era conhecido, não só pelo espaço físico dedicado às artes cênicas, mas pelo próprio incentivo às mesmas. Promovendo a cultura para a população estudantil principalmente, estava também cultivando um espaço para o lazer. Seu pioneirismo é incontestável nessa área, tanto é que mereceu citação em obras de historiadores consagrados, dando prova evidente do quanto era querido Batuira pelos freqüentadores de seu teatro. Assinala um desses autores: Não imaginem que ele tinha então aquelas venerandas barbas de apóstolo (e ele o é na verdade) que hoje lhe adornam o rosto; não, embora fizesse geralmente os papéis de "Centro", não tinha uma figura de espantar crianças; tanto assim que agradava, e que era recebido com palmas e versos, logo que aparecia em cena.

O teatrinho do popular Batuira fazia, assim, concorrência ao palco do São José, no qual se exibiam os requisitados Joaquim Augusto, João Eloy e Júlio Azevedo.

Um fato desagradável, porém, aconteceu com o ator Bатуíra por causa de sua sala de espetáculos. O local foi durante algum tempo, antes de Bатуíra, utilizado em espetáculos de brigas de galo de raça, atividade então legal e regulamentada, e reportagem capciosa ligava as atividades teatrais de Bатуíra àquele esporte. Pelo jornal Correio Paulistano de 10 de dezembro de 1869, o dono do Teatro da Cruz Preta respondeu:

Por atenção ao público — escrevia Bатуíra — devo dizer que o artigo estampado no último número do "Correio"; sobre brigas de galo, é não só despropositado, como falso, ao menos nos fatos que me aludem. Não é exato que eu tenha casa de brigas de galo; o que tenho é um teatrinho. Há tempos houve, é certo, ali, aquele divertimento; hoje não. E quando havia, nunca foram os vizinhos incomodados, como insinua o autor do artigo, que, se assinasse o seu nome, talvez dispensasse a publicação destas linhas. É também absolutamente falsa a afirmação de que filhos de família iam ali perder a fortuna dos pais. Prove o autor, se puder, esta e outras balelas com que parece disposto a divertir o público.

Como se pode perceber, Bатуíra poderia seguir carreira como ator, pois tinha penetração e era benquisto por todos.

O teatro representava para a juventude da época o que a TV é para o jovem de hoje: um fascinante mundo em que muitos querem entrar para se projetar, para ficarem conhecidos. Com a diferença que a tecnologia "fabrica" atores e o romantismo da época foi trocado pelo tilintar das moedas. Por isso, devemos analisar o feito de Bатуíra nessa área com os olhos da época e do desenvolvimento cultural de seu tempo. Isso fará com que nossa admiração por esse pioneiro do Espiritismo não se restrinja só à sua atuação como verdadeiro apóstolo do Cristo, mas examine-o também como um homem que, portando seu humilde diploma primário, nada ficou a dever aos grandes intelectuais com que conviveu em sua época.

Bатуíra foi personalidade importante para a história do teatro em São Paulo, no entanto, a sua missão não estava nas luzes da ribalta, mas em servir no cenário que o Cristo houvera destinado a ele antes de sua reencarnação.

Diante de Ofensas

"Não nos é lícito parar a máquina do pensamento para sopesar injúrias e desencantos.

Se adversários desejam esmagar-nos através de sarcasmos que, em nos espancando o rosto e o coração, nos façam cair sob agonias morais insustentáveis, oremos por eles, pedindo a Jesus que os abençoe e livre do mal, afim de que produzam o bem para que o bem permaneça."

Batuíra/Chico Xavier
Mais Luz

IV

A luta abolicionista

Escassas também são as informações da participação de Batuira no movimento abolicionista. Não o vemos citado em compêndios de História, mas o que se sabe é que fez parte do grupo do maçom Luís Gonzaga Pinto da Gama (1830-1882) e com ele fundou e manteve um jornal abolicionista (7) com redação na Ladeira Porto Geral (8). Luís Gama, quando faleceu, era venerável Mestre da Loja Maçônica América; escrevia para O Diabo Coxo (fundado em 1864), O Cabrião (1865), O Ipiranga (1867), mas consta ter fundado o periódico Radical Paulistano, em 1868. Affonso de Freitas (9) informa terem feito parte do corpo de redatores Ruy Barbosa, irmãos Pamplona de Menezes, Martim Cabral e "alguns outros brilhantes talentos da Academia de São Paulo em 1869". Era semanal e, como o próprio nome indica, uma ferrenha oposição aos escravocratas. Teria sido este o jornal que teve Batuira por parceiro.

(7) Informação constante em artigo de J. B. Chagas, na revista *O Revelador* (SP), de março de 1948.

(8) Informação prestada por Amadeu Santos em sua obra *O retumbar da trombeta* (Edição FEB-1942).

(9) *A imprensa periódica de São Paulo*, Affonso A. de Freitas, edição do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 1915.



Luís Gama

Numa interessante carta autobiográfica que enviou a Lúcio de Mendonça, em 25 de julho de 1880, da qual transcrevemos alguns trechos, podemos ter idéia da formação de Luís Gama, relatada por ele mesmo:

Meu caro Lúcio:

Recebi o teu cartão com a data de 28 pretérito.

Não me posso negar ao teu pedido, porque antes quero ser acoimado de ridículo, em razão de referir verdades pueris que me dizem respeito, do que vaidoso e fátuo, por ocultá-las, de envergonhado: aí tens os apontamentos que me pedes e que sempre eu os trouxe de memória:

Nasci na cidade de S. Salvador, capital da província da Bahia, em um sobrado da rua do Bângala, formando angulo interno, em a (sic) quebrada, lado direito de quem parte do adro da Palma, na Freguesia de Santana, a 21 de junho de 1830, às 7 horas da manhã, e fui batizado, 8 anos depois, na Igreja Matriz do Sacramento, da cidade de Itaparica.

Sou filho natural de uma negra africana livre, da Costa Mina (Nagô de Nação), de nome Luiza Mahin, pagã, que sempre recusou o batismo e a doutrina cristã.

Minha mãe era baixa de estatura, magra, bonita, a cor era de um preto retinto e sem lustro, tinha os dentes alvíssimos como a neve, era muito altiva, geniosa, insofrida e vingativa.

Dava-se ao comércio – era quitandeira, muito laboriosa, e mais de uma vez, na Bahia, foi presa como suspeita de envolver-se em planos de insurreições de escravos, que não tiveram efeito.

Era dotada de atividade. Em 1837, depois da revolução do dr. Sabino, na Bahia, veio ela ao Rio de Janeiro, e nunca mais voltou. Procurei-a em 1847, 1856 e em 1861, na Corte, sem que a pudesse encontrar. Em 1862, soube, por uns pretos minas que a conheciam e que me deram sinais certos, que ela, acompanhada de malungos desordeiros, em uma 'casa de dar fortuna'; em 1838, fora posta em prisão; e que tanto ela como os seus companheiros desapareceram. Era opinião de meus informantes que esses "amotinados" fossem mandados para fora pelo governo que, nesse tempo, tratava rigorosamente os africanos livres, tidos como provocadores.

Nada mais pude alcançar a respeito dela. Nesse ano, 1861, voltando a São Paulo, e estando em comissão do governo na Vila de Caçapava,

dediquei-te os versos que com esta carta te envio.

Meu pai não ousou afirmar que fosse branco, porque tais afirmativas neste país constituem grave perigo perante a verdade, no que concerne à melindrosa presunção das cores humanas. Era fidalgo e pertencia a uma das principais famílias da Bahia, de origem portuguesa. Devo poupar à sua infeliz memória uma injúria dolorosa, e o faço ocultando o seu nome.

Ele foi rico e, nesse tempo, muito extremoso para mim: criou-me em seus braços. Foi revolucionário em 1837. Era apaixonado pela diversão da pesca e da caça; muito apreciador de bons cavalos jogava bem as armas, e muito melhor o baralho, amava as súcias e os divertimentos. Esbanjou uma boa herança, obtida de uma tia em 1836; e, reduzido à pobreza extrema, a 10 de novembro de 1840, em companhia de Luiz Cândido Quintela, seu amigo inseparável e hospedeiro que vivia dos proventos de uma casa de tavolagem na cidade da Bahia, estabelecida em um sobrado de quina, ao largo da praça, vendeu-me como seu escravo, a bordo do patacho "Saraiva".

(...)

Repelido como "refugo", com outro escravo da Bahia, de nome José, sapateiro, voltei para a casa do sr. Cardoso, nesta cidade, à Rua do Comércio n° 2, sobrado, perto da Igreja da Misericórdia.

Aí aprendi a ser copeiro, sapateiro, a lavar, a engomar roupa e a costurar.

Em 1847, contava eu 17 anos, quando para a casa do sr. Cardoso veio morar como hóspede, para estudar humanidades, tendo deixado a cidade de Campinas, onde morava, o menino Antônio Rodrigues do Prado Júnior, hoje doutor em Direito, ex-magistrado de elevados méritos, e residente em Mogi Guassu, onde é fazendeiro.

Fizemos amizade íntima, de irmãos diletos, e ele começou a ensinar-me as primeiras letras.

Em 1848, sabendo eu ler e contar alguma cousa, e tendo obtido ardilosa e secretamente provas inconcussas de minha liberdade, retirei-me, fugindo da casa do alferes Antônio Pereira Cardoso.

(...)

Em determinado trecho da carta, Luís Gama relata um caso mediúnico protagonizado por si próprio:

(...)

Estive preso 39 dias, de 1 de julho a 9 de agosto. Passava os dias lendo e às noites sofria de insônia, e, de contínuo, tinha diante dos olhos a imagem de minha querida mãe. Uma noite, eram mais de duas horas, eu dormitava; em sonho vi que a levavam presa. Pareceu-me ouvir distintamente que chamava por mim.

Dei um grito, espavorido saltei da tarimba; os companheiros alvorotaram-se; corri à grade, enfiei a cabeça pelo xadrez.

Era solitário, silencioso, longo e lóbrego o corredor da prisão, mal alumado pela luz amarelenta de enfumarada lanterna.

Voltei para a minha tarimba, narrei a ocorrência aos curiosos colegas. Eles narraram-me também fatos semelhantes, eu caí em nostalgia, chorei e dormi.

(...)

Em 1856, depois de haver servido como escrivão perante diversas autoridades policiais, fui nomeado amanuense da Secretaria de Polícia, onde servi até 1868, época em que por turbulento e sedicioso "fui demitido a" bem do serviço público pelos conservadores, que então haviam subido ao poder. A portaria de demissão foi lavrada pelo dr. Antônio Manuel dos Reis, meu particular amigo, então Secretário de Polícia, e assinada pelo exmo. Dr. Vicente Ferreira da Silva Bueno, que, por este e outros atos semelhantes, foi nomeado desembargador da relação da Corte.

A turbulência consistia em fazer eu parte do partido Liberal e, pela imprensa e pelas urnas, pugnar pela vitória de minhas e suas idéias; promover processos em favor de pessoas livres criminosamente escravizadas; auxiliar licitamente, na medida de meus esforços, alforrias de escravos, porque detesto o cativo e todos os seus senhores, principalmente os Reis.

Desde que me fiz soldado, comecei a ser homem, porque até os 10 anos fui criança; dos 10 aos 18, fui soldado.

Fiz versos, escrevi para muitos jornais; colaborei em outros literários e políticos, e redigi alguns.

Agora chego ao período em que, meu caro Lúcio, nos encontramos no "Ipiranga", à Rua do Carmo, tu, como tipógrafo, poeta, tradutor e

folhetinista principiante; eu, como simples aprendiz-compositor, de onde saí para o foro e para a tribuna, onde ganho o pão para mim e para os meus que são todos os pobres, todos os infelizes, e para os míseros escravos que, em número superior a 500, tenho arrancado às garras do crime.

Eis o que te posso dizer, às pressas, sem importância e sem valor; menos para ti, que me estimas deveras.

Teu Luís



*Esquina da rua Direita com a antiga rua Cruz Preta,
em foto do começo do século*

Um detalhe aparentemente insignificante nos faz pensar que Bатуíra possa ter sofrido a influência do maçom Luís Gama para o resto de sua vida. No ano de 1859, Gama respondeu com o poema Quem sou eu? (subtítulo Bodarrada) ao apelido "Bode" (10) com que tentavam ridicularizá-lo. Seu texto tornou-se precursor da crítica à ideologia racista do embranquecimento. O poema era aberto sob a inspiração de uma trova de A. E. Zaluar, no cabeçalho:

Quem sou eu?
Que importa quem?
Sou um trovador proscrito,

Que trago na frente escrito

Esta palavra "Ninguém!":

(10) Não se sabe ao certo quando tenha surgido este costume, mas os membros da Igreja Católica, no sentido de depreciar os maçons, chamavam-nos de "Bodes". Os obreiros da Ordem Maçônica, longe de se ofenderem, assimilaram o apelido e hoje até se denominam carinhosa e mutuamente por "bodes". Teria surgido deste episódio o costume e a origem da denominação? Respondam os historiadores maçônicos.



Bairro do Chá (1887)

A resposta de Gama continha muita ironia, mas também representava um testemunho de humildade e da aceitação de sua negritude. Batuíra, em episódio que relataremos adiante em detalhes, também usou da fórmula de qualificar-se como "Ninguém" ao assinar noventa e nove artigos de defesa do Espiritismo contra os ataques das Damas de Caridade da Diocese de São Paulo, alguns anos depois.

O grupo liderado por Luís Gama, do qual Batuíra fazia parte, desenvolveu um estratagema próprio. Eles escondiam os escravos foragidos no Lavapés, junto às casas de Batuíra, até os seus donos já estarem prestes a desistir de procurá-los. Procuravam então esses senhores, oferecendo-lhes quantias baixas pelas cartas de alforria, o que eles quase sempre aceitavam por já terem dado por perdidos seus escravos.

V

O surto variólico em 1873

São Paulo entrava, então, na década setenta do século dezenove. A Lei do Ventre-Livre representava uma vitória e foi bem recebida no meio intelectual paulistano, com ruidosas manifestações populares lideradas pelos estudantes. A 31 de março de 1872 inaugurou-se a iluminação pública a gás, sendo colocados nas ruas e praças setecentos combustores.

A 21 de dezembro de 1872, assumiu a presidência da Província o dr. João Teodoro Xavier de Matos, sendo considerado o melhor administrador que São Paulo houvera tido até então. Suas obras deram outra feição à cidade, preparando-a para o futuro.

Uma de suas mais significativas ações foi melhorar o abastecimento de água da cidade, o que pôde evitar um mal maior, quando a população se viu atingida por grave surto variólico em 1873.

E é nesse triste episódio que é posto à prova o espírito de alta solidariedade que já portava Bатуíra, e quando se prenuncia a segunda e mais importante fase de sua vida, de total entrega a seu próximo.

A varíola é uma doença infecciosa aguda, causada por vírus. Caracteriza-se por febre alta, erupções, bolhas e pústulas que deixam cicatrizes. É altamente contagiosa, mas nem por isso afastou Bатуíra de engajar-se entre os voluntários que tratavam os atingidos. Demonstrando grande desprendimento, Bатуíra não se descuidou um minuto sequer do atendimento às vítimas, abrigando-as em sua própria casa e servindo-lhes de médico, enfermeiro e amigo. Sua atitude fraterna rendeu-lhe muitos elogios e sua figura ficou mais conhecida por toda a cidade.

Nada estava sendo forçado em Bатуíra. Não o fizera para ficar famoso ou receber benesses de seus protegidos. Os valores inatos do Espírito já reencarnam com ele e, seja qual for à situação que a vida lhe imponha, estes lhe afloram naturalmente, sejam bons ou ruins, porque a natureza não dá saltos e não transforma da noite para o dia o caráter das pessoas.

Era, portanto, o Bатуíra. Não a ave esperta do charco do Lavapés, mas o Espírito primoroso que reencarnou com a sublime missão de se tornar um paradigma na introdução da Terceira Revelação em terras do Brasil.

O Reformador de 15 de abril de 1887, relata que, por ocasião dos terremotos acontecidos naquele ano na Itália, foi organizada uma grande campanha pelos espíritas, que saíram em cortejo pelas ruas da cidade, a fim de angariarem donativos em favor das vítimas. Entre eles, como não poderia deixar de ser, a veneranda figura de Batuíra, cuja presença imprimia um grau maior de confiança na iniciativa, contribuindo para uma maior arrecadação.

Caridade

"A caridade é o gênio celestial que nos tece asas de luz para a comunhão com o Pensamento Divino, se soubermos olvidar a nós mesmos para a felicidade daqueles que nos estendem as mãos."

Batuíra/Chico Xavier
Dicionário da Alma

VI

Bafejado pela fortuna material

Como já nos referimos, após estabelecer-se em São Paulo, Batuíra ganhou a vida vendendo jornais e representando no Teatro da Cruz Preta, mas, posteriormente, o já amadurecido imigrante português descobriu na fabricação de charutos uma rendosa profissão que lhe permitiu ter uma vida material mais folgada.

Racionalizando seus ganhos e fazendo economias, Batuíra adquiriu uma desvalorizada gleba de terra na área do Lavapés e ali ergueu sua residência.

Enquanto isso, São Paulo crescia. O notável desenvolvimento da rede ferroviária provincial completou-se com a ligação da Estrada de Ferro D. Pedro II à linha da Companhia São Paulo-Rio de Janeiro, unindo a cidade de São Paulo à Capital do Império.

Conforme seu rendimento lhe ia permitindo, Batuíra foi comprando as terras ao redor de sua propriedade, talvez antevendo uma possível valorização. Construindo casas de aluguel em seus terrenos, iniciou a formação de uma pequena vila, então distante do eixo mais densamente habitado da cidade. O tempo foi seu sócio. O crescimento de São Paulo empurrou o povoamento para a região que habitava, fazendo com que suas terras e casas se valorizassem, proporcionando a Batuíra apreciáveis rendimentos. A série de casas que construiu deu origem à Rua Espírita, que ainda existe nos dias de hoje. O antigo Pasto do Tenente comprado por Batuíra em breve tempo se tornaria o quartel-general dos espíritas em São Paulo. O seu necrológio no Diário Popular de 22/1/1909 conta: Pode-se dizer que foi Batuíra o iniciador do bairro do Lavapés foi ele quem o criou, que lhe deu o primeiro incremento, abrindo ruas, entre as quais a primeira, que hoje se chama "Espírita" e que teve em tempos o seu nome.

Firmava-se, assim, a pequena fortuna que Batuíra logrou amear e que lhe iria dar suporte material às grandes tarefas que estavam por vir.

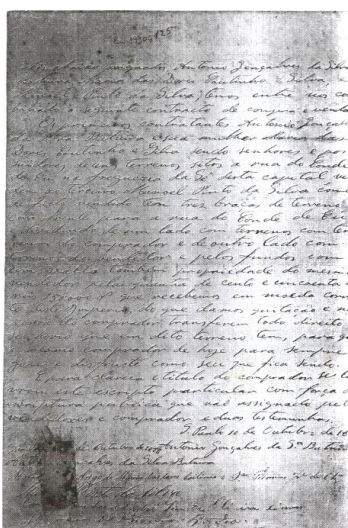
Oração do Trabalho (fragmento)

"Quando a prosperidade nos visite, orienta-nos na manutenção do trabalho mais amplo, para que a felicidade de todos se nos erija contigo em meta por atingir."

Batuíra/Chico Xavier
Irmãos Unidos



Imposto de Transmissão de Propriedade (Exercício de 1878/1879 – Segundo Império). Venda feita por Batuíra.



Escritura de venda de propriedade de Batuíra e sua esposa, Dona Maria das Dores Coutinho e Silva, datada de 10 de outubro de 1878.

VII

Saravá, Doutor Batuira!

A atual Rua Espírita teve seu início ainda como uma pequena trilha de terra batida, em meados do século XIX.

Ficava ela num "arrabalde" da cidade, ou seja, no fim da área urbanizada e onde então principiavam as diversas chácaras que rodeavam a cidade.

Começava ela na Rua do Lavapés, nome curioso de um pequeno córrego onde os viajantes, antes de entrarem na cidade, lavavam os pés, tirando toda a poeira ou barro, para depois calçarem seus sapatos.

Como uma pequena trilha rústica, permaneceu a Rua Espírita por várias décadas. Foi somente após a Proclamação da República (em 1889) que ela começou a ganhar característica de rua. Por essa época, ela já era ocupada por casas humildes de pau-a-pique. Em 1895 ela aparecia na malha viária ainda sem uma denominação que a identificasse.

Dois anos após, em 1897, a Rua Espírita já constava do mapa oficial da cidade, levantado por Gomes Cardim, e assim sucessivamente, em 1905 e 1907, sendo que oficialmente ela foi denominada pelo Ato nº 972 de 24/08/1916.

Assim sendo, não existe uma data de inauguração para esta rua, pois o seu aparecimento é muito anterior ao Ato que oficializou o seu nome.

No entanto, a explicação de seu nome nos é confirmada por alguns historiadores como Gabriel Marques e Paulo Cursino de Moura: Ainda no século XIX, existia nessa rua a casa de um senhor que cultuava os ritos africanos. Identificado como o preto Badaró "por Paulo Cursino e" senhor Batuira" por Gabriel Marques, o fato era que sua casa havia se tornado um centro de peregrinação para aqueles que desejavam tomar conselhos e resolver seus problemas.

Naturalmente que estes historiadores se enganaram em algumas informações. É bem provável que o preto Badaró tenha existido, mas se tratava de folclórica figura da região, perturbado por sua participação na Guerra do Paraguai e afeito ao alcoolismo. Vejamos alguns trechos da história da rua contada por Paulo Cursino de Moura em seu São Paulo de

outrora – Evocações de metrópole, Livraria Martins, 1954:

Para contar a história da Rua Lavapés, devemos exumar, no cemitério velho da Glória, a figura do preto Badaró. Não confundir este personagem obscuro e popular, do decênio que antecedeu à proclamação da República, com outro – Libero Badaró – médico democrata, paladino de idéias liberais, assassinado na rua do seu nome.

Por que chamaram ao preto Badaró? Teria sido escravo de avoengos Badarós? E o X. Badaró percorreu, anos afio, o bairro que medeia entre Cambuci, Morro do Piolho, Glória e Várzea do Glicério, e ninguém se lembrou de perguntar-lhe o porquê do nome.

Perguntaram-lhe, é certo, os episódios da Guerra do Paraguai, que ele contava minuciosamente, nos momentos de calma e de tolerância da assistência, pois que, transtornada a cabeça com sucessivas doses de 'cachaça'; descomposto o traje após uma noite mal dormida dentro de um boeiro (sic), ao relento, eram só insultos soezes, na rua, à meninada que o apupava com pedradas:

– Badaró! Badaró pingüço! Bada-ró-ó! (...)

Mas a lendária história da Rua Lavapés, que ele agora evocado vai contar é verídica.

— O termo 'evocar' calha como luva neste episódio. É que o Lavapés está tão intimamente ligado à Rua Espírita ali ao seu lado — rua cuja origem se atribui ao velho Batuira. "Médium" conhecidíssimo naquele tempo — tal qual em uma sessão espiritualizada. O ente invocado evoca, com pormenores, a referida denominação popular.

Eternizada numa placa, lá está a expressão — Lavapés — até que o modernismo não prefira matar a tradição, colocando, em substituição, legenda inexpressiva.

Lavapés. O simbolismo mais adequado para a consagração da rua seria, não há dúvida, o que toda gente pensaria — o ato que o catolicismo comemora na quinta-feira santa, enaltecendo a humildade do Salvador, ao lavar os pés de seus discípulos.

Lavapés não vem daí. Vem de um princípio de higiene corporal a que se habituaram os nossos neo-selvagens co-estaduanos ao transporem as divisas do além do Cambuci, e do burburinho, formidável para aquela época de uma cidade de 20 a 30 mil habitantes.

A divisa era o córrego, suave e murmurante, serpenteando em bizarras evoluções pelos quintais e pelo varzeado do Tapanhoim. Na estrada poeirenta, no lugar onde a baixada antecede a íngreme subida da Rua da Glória, o córrego se espraiava, manso, complacente, refletindo na sua linfa azul a abóbada celeste, dando ao viandante exausto e sujo aquele bem-estar de uma tranqüilidade remansosa. (...)

J. Oliveira em seus Fatos e lendas, como o próprio nome já diz, é mais fantasioso ainda:

— Dizia-se, na época, que depois da estranha saudação: "Saravá, êh, êh!" e dos pedidos de "marafa" e "pemba", o que se ouvia lá dentro da casinha do "Espírita" eram vozes cantando um "ponto" de candomblé...

— Bumba, Bumba, ó Calunga,

— Orixalá, bumba, bumba!

— Tanto quebra cadeira,

— Quebra tudo bumba, bumba!

Sob título O Diabo e a Rua Espírita, Gabriel Marques, em Ruas e tradições de São Paulo, descreve a Rua do Lavapés e, num misto de historiador e cronista, consegue ser preconceituoso, deselegante e abusar da imaginação ao referir-se a Batuira. E o que é pior: denegrindo a imagem de um grande espírita com invencionices e jocosidades que, por certo, não caem bem a um pesquisador.

Selecionamos do texto alguns trechos publicáveis, a nosso ver.

(...) Entremeados aos cânticos ouviam-se gritos histéricos que alinhavam as trevas, lá fora, estarrecendo a quem não soubesse, ao certo, de onde provinham eles. Isso se verificava pelos idos de 1800 e poucos.

Depois da proclamação da República, as grandes sesmarias do Cambuci, como as que ficavam do outro lado da cidade, tiveram suas áreas retalhadas em lotes e, uma a uma, as ruas foram nelas se formando. Assim foi que, com início na Rua Lavapés, outra rua se foi também abrindo, modestamente, mais parecendo um caminho inacabado e áspero. Era tão sem importância que nem ao menos tinha nome. Não passava, pois, de um caminho a mais naquela vasta e agreste zona. Apenas trilha bruta rasgando a macega hispida.

Isso, apenas.

Mas, com o decorrer dos tempos, aquele caminho humílico foi

ganhando característica de rua. Tornou-se mais amplo, menos rústico e até de chão mais batido. E logo surgiram-lhe, à margem, algumas casinhas de pau-a-pique. Ganhava já foros de rua. Não era então propriamente um caminho, embora muita gente teimas-se em chamá-lo de "Caminho do Cambuci".



Aspecto da rua Espírita, esquina com a rua Lavapés, na época de batuíra. Ao fundo, o Morro do Piolho (1904)

Foi nessa altura que uma casa de melhor construção ali surgiu. E — curioso! — tornou-se logo de todos conhecida. Era a casa de um tal senhor Batuíra. Batuíra? Batuíra não passava de um homem fulo, grisalho, barbudo, baixote e gorducho, de maus dentes e já na casa dos sessenta. Babalorixá de fama (...)

Claro que havia exagero em tudo que se dizia sobre ele, o estranho senhor Batuíra. Mas nunca faltavam consulentes importantes na tenda do diabo do homem. Até gente da alta política, das altas finanças e do alto comércio lá se apresentava. Gente que não pedia — mandava. Também muitos homens da governança lá compareciam, às ocultas e em horas especialmente marcadas, à procura de remédios para seus males ou de prontas soluções para seus problemas. E os sortilégios do Senhor Batuíra não falhavam nunca, dizia convicto o povo. (...)

Certo seja que para os iniciados nas artes cabalísticas do tal senhor Batuíra, conhecedores, assim, de certos segredos do além-túmulo, o velhote não tinha ligações nenhuma com Xangô, nem reverenciava

Iemanjá — a poderosa entidade que dizem ter erguido seu palácio encantado sob as ondas revoltas do mar... Não. Para eles Batuira não passava de um perfeito espírita. Espírita e amigo de todos os sofredores do mundo. Demais, espírita dotado de santas qualidades mediúnicas. A todos, ricos e pobres, Batuira atendia com a mesmíssima afabilidade. Com todos falava e a todos animava, ou socorria, sempre em nome do Senhor Jesus Cristo. Seu "Espírito Protetor" chamava-se Pai-Zarabinda, preto velho morto no "tronco" a fortes golpes de azorrague. Contudo, alguns admiradores do senhor Batuira concordavam em que Exu na verdade comparecia, alguma vez, a sessões do Pai-Zarabinda. Mas, quando isso acontecia —frisavam — não lhe davam sequer tempo para anarquizar (sic) os trabalhos, como era sempre do intento dele, o diabo. Se um médium descuidado desviasse acaso seu pensamento do Altíssimo, zás!, agarrava-o, logo, o chifrudo, com suas unhas agudas e dentuças cortantes. Mas, Pai-Zarabinda, com o pronto auxílio de outros protetores da tenda, sem dar tempo a nada, expulsava o demo da sessão, quase sempre a golpes de invisíveis látigos de fogo invocados em nome de Deus... (...)

O certo mesmo é que foi assim que aquela casinha humilde do curioso Senhor Batuira passou a fazer parte da vida roceira de São Paulo do campo. Tornou-se famosa. E quanto mais coisas terrificas nela aconteciam, mais se popularizava o nome de Batuira, que até passou a ser chamado de doutor Batuira, o Espírita. Dele — engraçado! — nunca ninguém soube o verdadeiro nome. Nem a História, que registrou sua tenda e seus sortilégios, se lembrou de guardar-lhe sequer a filiação. Para todos, e para todos os efeitos, era ele apenas o doutor Batuira, o Espírita. (11)

(11) No Capítulo Visitando São Paulo Antiga, encontra-se outro trecho deste artigo de Garcia Marques.

Um detalhe que permaneceu desconhecido e nem o criterioso Setor de Denominação de Logradouros Públicos do Arquivo Histórico da Câmara de São Paulo registra, é que a primeira denominação era Rua do Espírita, ou seja, do Espírita Batuira, mas o uso do povo acabou transformando-a na Rua Espírita.

O pioneiro e a pedra

"Um grande sorriso para os obstáculos. O pioneiro sorri para a pedra e remove-a, para que a estrada apareça."

Batuíra / Chico Xavier Mais Luz

VIII

A conversão

Batuíra era um espírito irrequieto por natureza. Forças estranhas agitavam-se dentro de seu ser esperando um momento propício para desabrochar. Apesar dos seus rasgos de generosidade humana no episódio dos escravos, no atendimento à população atingida pela varíola ou a sua tendência de estar sempre ao lado dos desvalidos, ele sentia-se desconfortável ansioso para completar sua vida com ações que viessem preencher o vazio que carregava. Estava a iniciar a madureza da vida — pensava ele — com energia plena, boa saúde, vida estável e abastada, mas algo lhe dizia interiormente que era necessário dar novo impulso à sua existência.

Se tudo lhe parecia calmo naqueles momentos em sua sólida estrutura familiar, os desígnios divinos haviam-lhe reservado o caminho duro da provação humana para chamar-lhe a vida aos rumos que ele mesmo houvera assumido antes de reencarnar.

As leis planetárias não afetam apenas os espíritos em aprendizado, mas atingem também aos missionários comprometidos com a evolução da humanidade. Desta forma, o guante do sofrimento foi buscar o Espírito de Batuíra ao subtrair a vida física de seu filho Joaquim Gonçalves Batuíra.

Como podemos notar, já de há muito Batuíra acostumara-se com o seu apelido, passando a adotá-lo oficialmente como sobrenome, daí seu filho já ser identificado oficialmente com ele.

Joaquim, filho da segunda esposa, Maria das Dores Coutinho e Silva, nasceu em São Paulo a 15 de maio de 1871 e desencarnou também na Capital em 23 de maio de 1883, com doze anos completos portanto, vítima de tétano provocado por um prosaico espinho de roseira. O desencarne foi repentino e causou muita comoção na família, principalmente no pai, Batuíra.

O velório aconteceu na ampla sala de sua casa na futura Rua do Espírita, até então conhecida como Beco do Lavapés. No ar, consternação geral. Os muitos amigos de Batuíra ali se reuniam para o necessário apoio ao pai. Por vezes, choros convulsivos irrompiam aqui e ali, pessoas

rezando seus terços pelos cantos da sala, o movimento aumentava ao se aproximar o momento do cortejo fúnebre. Seguindo os costumes da época, as mulheres vestiam luto fechado, os homens alinhavam-se em seus ternos pretos, os espelhos eram tapados por panos e as carpideiras completavam o teatro fúnebre a lastimar a "perda irreparável". O caixão dos infantes era de cor branca, porque eles permaneciam puros e assim seriam recebidos no juízo final. Batuíra de tudo participava, obediente às tradições e respeitoso àqueles amigos que se solidarizavam ao casal.

A dado momento, no entanto, ele sente-se inquieto. Sua tristeza, refletindo no desânimo que se apossara dele, sofre um impacto. Batuíra levanta-se subitamente interrompendo seu interlocutor, dá alguns passos numa direção, em outra, coça os longos fios de barba semi-encanecidos; seus olhos, antes lacrimejantes, parecem vidrados, absortos no infinito e retira-se celeremente da sala, deixando a todos preocupados. Alguém tenta segui-lo mas nota que o pai de Joaquim, envolto em sua dor, tranca a porta atrás de si, demonstrando querer estar a sós naqueles instantes. Não havia no ambiente quem não compreendesse a atitude daquele pai desesperado. Alguém sugere mais uma novena, que é logo encabeçada por D. Maria das Dores, a mãe que pranteava a separação do filho querido. Dois quartos de hora talvez tenham-se passado até que se ouve o ranger da fechadura do quarto onde Batuíra houvera-se refugiado. Ao sair de seu retiro, atrai para si a atenção de todos. Sua fisionomia modificara-se. Não havia mais em seu rosto o ar lamentoso do pai sofrido e magoado pela dor. É verdade que a tristeza ainda sulcava-lhe o sobrecenho e os lábios refletiam o momento grave por que passava. A paz, entretanto, instalara-se no rosto daquele ser arqueado pelo impacto da separação. O que houvera acontecido para que se operasse tamanha modificação em Batuíra? Naqueles instantes, atraindo a atenção de todos no seu repentino reaparecer, uma luz, vinda não se sabe de onde, parece que passou a iluminar a sala. Aquela oração lamentosa, o choro furtivo, o sussurrar dos presentes, tudo calou-se num átimo de segundo e o suspense tomou conta do recinto. Como se tivessem combinado previamente, voltaram sua atenção para Batuíra e o silêncio sepulcral só foi interrompido pelo próprio Batuíra: Não quero que ninguém mais chore aqui. Meu filho não morreu. Meu querido filho vive. Por isso, não chorem mais! Eu só quero

alegria a partir deste instante!

Em seguida, para surpresa geral, Batuíra saiu e voltou algum tempo depois com uma banda. Da surpresa, os presentes passaram à estupefação, quando a banda, ao invés de tocar músicas fúnebres, passou a tocar dobrados, marchas festivas, valsas, polcas e outras composições alegres. Era como que a exigir, naquele instante, todos acreditassem, como ele, na sobrevivência de seu filho Joaquim. Como duvidar, diante de tamanha fé demonstrada justamente por aquele mais atingido pela fatalidade da perda de um filho?

Para alguns, um gracejo. Para outros, uma heresia. À maioria, parecia um pai enlouquecido pela dor. Para os mais lúcidos, porém, em minoria, é verdade, um Batuíra autêntico. Um Batuíra que tivera a vida transformada em questão de dois quartos de hora e algo de muito sério houvera se passado com ela no interior daquele quarto. Ele, até então, não era afeito aos convencionalismos religiosos, mas com certeza, posteriormente, ao estudar os evangelhos, pôde saborear a riqueza das palavras de Jesus: Quando tiverdes a necessidade de vos dirigir ao pai, fechai-vos em vosso quarto e orai então "Pedi e obtereis"; "Batei e abrir-se-vos-á..."

Que teria acontecido naquele aposento para que a solidão de um pai desesperado se transformasse em sua Estrada de Damasco libertadora? Muito tempo depois, Batuíra relataria, apenas aos mais íntimos, os momentos gloriosos que viveu entre aquelas quatro paredes. Premido por uma dor insuportável, dizia Batuíra, entrei disposto a qualquer coisa naquele quarto, porque Deus tinha que dar uma resposta à minha dor e não sairia de lá enquanto Ele não me respondesse. Foi então que vi uma luz se formando, que não era aquela do candeeiro e nem a luz do crepúsculo que ainda penetrava pela janela... a luz foi se tornando diáfana, vaporosa e um vulto surge-me suavemente à frente... meus olhos encheram-se, então, de lágrimas, a emoção atingiu o mais alto grau que um humano poderia suportar e eu reconheci naquela sombra o Quinho, filho querido: "Pai, não fique triste — disse-me ele. — Eu não morri. Estou mais vivo do que nunca". Seus lábios sorriam... seu semblante estava calmo e transmitia muita paz. Em seguida, suas mãozinhas acenaram para mim, da mesma maneira como o fazia quando se despedia em vida, e sua imagem foi suavemente se apagando na tinta gasta da

parede. Não sei quanto tempo duraram aqueles instantes e quanto ali fiquei, até derramara última lagrima pela sua passagem para uma outra vida. Meu filho não morreu. Nós não morremos. Esta vida é apenas uma etapa da Vida Verdadeira. Em algum lugar, eu e o Quinho nos reencontraremos...

O cortejo fúnebre seguiu do Lavapés para o cemitério da Consolação, onde o corpo foi enterrado, com a banda fazendo sua performance com músicas alegres, despertando estranhos sentimentos na população por sua excentricidade.

A partir daquele dia, profundas mudanças se passaram com Batuira. O assunto "espiritismo" já andava a ser comentado com frequência nas rodas intelectuais paulistas e o antigo entregador de jornais do Lavapés procurou inteirar-se da nova religião e buscar conhecimentos em seus livros e periódicos que já circulavam na época.

Conheceu, Batuira, nessa busca, o Dr. Ramos Nogueira, um grande pioneiro do Espiritismo em São Paulo, e passou a frequentar as reuniões práticas e de estudos conjuntos que se realizavam em sua residência, que também contavam com a presença de Aristides Vasconcellos e Ângelo Torterolli.

Ganhava, assim, o Espiritismo, um de seus maiores propagandistas, cuja teoria foi alicerçada em seus exemplos.

O Dr. Ramos Nogueira era um paulista de grande prestígio junto a FEB, conforme se pode atestar pela assiduidade com que o Reformador se refere a ele e a seu grupo familiar.

Em seu número de 15 de abril de 1887, a Revista da FEB, em seu quarto ano, faz um longo relato de sessão realizada pelo grupo e que é utilíssima para o registro da memória histórica do Espiritismo em São Paulo. Vejamos o que diz o artigo.



Fac-símile da Revista *Reformador*, de 02/11/1899, página 3, com matéria do jornal *Verdade e Luz*.

Espiritismo em São Paulo

No dia 31 do mês passado, aniversário do desprendimento de nosso estimado mestre, reuniu-se pelas 8 horas da noite toda a família espírita de São Paulo em casa de nosso confrade Dr. Ramos Nogueira, para dar a Allan Kardec, espírito de escol, prova solene de quanto é respeitado como mestre. Assumindo a presidência, o nosso I.L.C. (?) Antonio Gonçalves da Silva leu, antes de abrir os trabalhos, uma poesia denominada "Evocação" e dada pelo Espírito de Fagundes Varella.

Em seguida, o quartanista de Direito, o sr. Aristides de Vasconcellos, fez a apologia do grande homem, seguindo-se na tribuna o nosso esforçado companheiro, o sr. Ângelo Torterolli, que fez a apologia do Espiritismo.

Falou por último o Dr. Ramos Nogueira, que dissertou procurando mostrar ser o Espiritismo a Terceira Revelação e saudando Allan Kardec por ter sido quem tornou metódico o instrumento de tal revelação. Uma banda de música, que tocou nos intervalos dos discursos como, também ao iniciar-se a sessão, fez ouvir no ato de encerramento a Marselhesa, como hino da liberdade.

Em 23 de junho de 1887, o Reformador noticiava palestra pronunciada pelo Dr. Ramos Nogueira na sede da FEB e em janeiro de 1888 agradece a esse confrade ter cedido à Entidade uma brochura com todos os textos de suas palestras na Federação.

O mesmo Reformador anunciava a comunicação do Espírito de Luís Gama, companheiro de Batuira na luta abolicionista, em seu número de 15 de março de 1890.

No mesmo ano de 1890, segundo informava a Revista, havia cinco periódicos espíritas circulando no Brasil: Reformador (Rio de Janeiro); Verdade e Luz (São Paulo); O Regenerador (Belém); e A Luz e a Revista Espírita (Curitiba).

Em 15 de agosto de 1894, o Reformador lamentava o desencarne do Dr. Ramos Nogueira, "paulista que foi procurar cura nas montanhas".

O Reformador de 1º de março de 1902 registrou a Diretoria do Centro Espírita São Paulo, recém-fundado: Presidente, Studário Cardoso; Vice, João Pinto Alves; 1º Secretário, Antonio Ferreira Brazil; 2º Secretário, Francisco de Paula Domingues; Auxiliar, Epiphany Prata. Alguns desses confrades vieram, juntamente com Batuira, criar a União Espírita do Estado de São Paulo, a primeira entidade exclusivamente federativa do Estado.

Nos momentos de crise

"Às vezes é preciso que a luta se faça constrangedora e terrível para que os amores que possuímos se mostrem na expressão mais ampla de sua própria grandeza, assim como é preciso que anoiteça para que vejamos do mundo as estrelas que acendem a vida eterna na imensidade... Nas horas de aflição pensemos nisso, meditemos simplesmente nisso e levantemos as próprias energias, que o Senhor elastecerá e abençoará. "

Batuira/Chico Xavier Mais Luz

IX

Histórico da fundação da Instituição Beneficente Cristã
"Verdade e Luz"

Após sua conversão e com o constante aprimoramento advindo da leitura de obras espiritistas, Batuíra passa a entender a Doutrina pela vertente da caridade e do amor ao próximo. O sentido de solidariedade humana, que já era conquista de seu espírito missionário, desabrocha a ponto de assombrar a sociedade paulistana do último quartel do século passado diante da postura assumida por ele em defesa dos enjeitados e dos menos favorecidos. Como aquele homem abastado podia viver em meio aos pobres, doentes e rejeitados sem nada pedir em troca? Só quem não conhecesse a Doutrina Espírita para se admirar. Batuíra assumiu o papel do "moço rico" de Jesus e desapegou-se de sua fortuna pessoal para "perder" a sua vida em prol dos menos favorecidos.

Da morte do filho em 1883 à fundação oficiosa do Grupo Espírita Verdade e Luz, não temos dados que possibilitem saber a data exata em que começou a funcionar. Uma notícia publicada no Reformador de 15 de maio de 1890 (a primeira de Batuíra, desde que o periódico começou a circular) dá conta da "restauração" do Grupo, deduzindo-se, daí, um interregno nas suas atividades antes de 1890. Eis a notícia:

Espiritismo em São Paulo

De uma carta de São Paulo transcrevemos os seguintes trechos: Ontem, com grande satisfação nossa, foi restaurado o Grupo Espírita Verdade e Luz, que há tempos se achava adormecido.

Seu restaurador é o nosso irmão Batuíra, que acabou de construir um confortável chalet na Rua do Lavapés nº 4, fazendo aí num vasto salão, decentemente mobiliado, onde oferece explicações do Evangelho Segundo o Espiritismo.

A primeira explicação teve lugar domingo próximo passado, 16 de abril à tarde, com grande concorrência.

O mesmo confrade fez a aquisição de uma pequena tipografia para em

breve começar a publicação de um pequeno jornal com o título "Verdade e Luz"

Rendamos graças ao bom Pai por tanta felicidade entre os trabalhadores da consoladora Doutrina: O Espiritismo.

Depois de acompanharmos o autor desta carta nas graças que a Deus eleva, desejamos também felicitar ao nosso confrade Batuira pelo esforço que emprega em derramar as verdades que está de posse..

Possa esse esforço servir de incentivo a quantos estejam no caso de seguir-lhe as pegadas.

O primeiro jornal Verdade e Luz que conseguimos ter em mãos, o de número 4, indica que o endereço do Grupo era Rua Independência nº 4, antiga Lavapés. Pouco tempo deve a Rua ter tido essa denominação, pois o desejo do povo consagrou-a até hoje como Lavapés.

Podemos considerar, portanto, 16 de abril de 1890, a data da fundação oficial e documental do Grupo Espírita Verdade e Luz, apesar de já se ter reunido informalmente antes. É importante esta definição por se tratar de uma das Entidades Espíritas mais antigas que ainda se mantêm em atividade no Estado de São Paulo. Segundo nossas pesquisas, apenas superada pela Associação Espírita Anjo da Guarda, de Santos, fundada pelo também excepcional confrade espírita Benedito José de Souza Junior em 2 de novembro de 1883. (12)

(12) A título de contribuição à história do Espiritismo, informamos que no Rio de Janeiro funciona até os dias de hoje o Grupo Espírita Discípulos do Samuel, fundado em 1899 por Joaquim Bertoldo dos Santos; o Grupo Espírita Antônio de Pádua, fundado em 1883 com o nome de Grupo Espírita Santo Antônio; a FEB, fundada em 1884; e o Centro Espírita Fernandes Figueira, fundado em 1892, com o nome de Grupo de Estudos Espíritos. São alguns dos poucos grupos centenários espíritas ainda em atividade no Brasil até os dias de hoje.

Na época, inclusive, até a expansão do Espiritismo começar a merecer a oposição da Igreja Católica, essas instituições não se registravam nos órgãos públicos como se passou a exigir posteriormente.

Assim, o grupo espírita Verdade e Luz só foi ser registrado e ganhar estatutos no ano de 1904. Batuira era, então, o corpo e alma do grupo, mas depois de participar pessoalmente do célebre Congresso organizado no Rio de Janeiro pela FEB, sentiu ser necessário constituir sua Entidade juridicamente. Este Congresso reuniu mais de 2.000 espíritas sob a

direção de Leopoldo Cirne, então Presidente da FEB, e aprovou a Tese Bases da Organização Espírita que, com relação à unificação, destacava:

a) organizar um Centro na Capital de cada Estado para promover a organização e a filiação de associações;

b) essa filiação será feita "sem nenhuma relação de dependência disciplinar", mas unicamente com intuitos de confraternização e unidade de vistas. (13)

(13) *Allan Kardec — Francisco Thiesen / Zeus Wantuil, Volume II, Ed. FEB.*

Desse seu entrosamento com a FEB, Bатуíra constituiu na capital paulistana, a 24 de maio de 1908, a União Espírita do Estado de São Paulo, entidade que federava centros espíritas e grupos familiares de todo o Estado. Uma comissão executiva, que tinha como Presidente o Coronel Antonio Raposo de Almeida, Bатуíra e Studário Cardoso como vices, dirigia a União que, naturalmente, era filiada a FEB.

Alguns estados já possuíam Sociedades Federativas e eram filiadas a FEB, no entanto, a iniciativa de São Paulo deu grande impulso ao movimento febiano e inspirou a criação de entidades semelhantes, inclusive da União Espírita Mineira, em Belo Horizonte, também constituída por interferência de Bатуíra.

Não conseguimos saber até quando a União Espírita do Estado de São Paulo exerceu suas atividades unificacionistas, mas por ela percebe-se que Bатуíra tinha grande entrosamento com a Federação Espírita Brasileira.

Ele era sócio honorário da FEB desde 28 de dezembro de 1895 e já em 1890 havia feito sua primeira visita à Entidade nacional.

Apesar de possuir, portanto, Estatutos desde 1904, só em 1º de janeiro de 1908, Bатуíra os torna públicos, divulgando-os no Diário Oficial, páginas 11 e 12. Eis o seu texto:

Publicações particulares estatutos

Da Instituição Christan Beneficente "Verdade e Luz"

Artigo 1 A Instituição Christan Beneficente "Verdade e Luz" com sede nesta Capital e nela findada a 25 de dezembro de 1904, tem por fim:

1) Asilar órfãos de ambos os sexos, reconhecidamente desvalidos e fornecer-lhes roupas, alimento, tratamento medico, educação e instrução e

ensinar-lhes uma arte ou ofício;

2) Asilar viúvas desvalidas, mas honestas, fornecendo-lhes roupas, alimento, tratamento medico e ocupação compatível com as suas forças;

3) Recolher obsedados (loucos) de ambos os sexos e ministrar-lhes gratuitamente o tratamento psíquico adequado.

Artigo 2 - O regime da Instituição será rigorosamente vegetariano.

Artigo 3 - A Instituição é administrada e representada ativa e passivamente em juízo, e, em geral, nas suas relações com terceiros, pelo seu administrador.

Artigo 4 - A Instituição constará de tantos sócios quantos forem às pessoas caritativas que desejarem contribuir para a sua manutenção.

Artigo 5 - Os sócios não respondem subsidiariamente pelas obrigações que os representantes da associação contraírem expressa ou tacitamente em nome desta.

Artigo 6 - A Instituição tem por patrimônio os seguintes bens que lhes foram doados pelo seu atual administrador Antonio Gonçalves da Silva Batuira e sua mulher Maria das Dores Coutinho e Silva e por outras pessoas, bens que são assim discriminados: Um sitio com suas bem feitorias, animais, instrumentos rurais, etc., situado no bairro do Jequerituba município de Santo Amaro; um prédio sob o n. 28 na rua Espirita, desta Capital, com todo o seu mobiliário; a tipografia que nele se acha com todos os seus pertences; outro prédio terá o usufruto, enquanto viver, a sócia Maria das Dores Coutinho e Silva, passando por sua morte o dito prédio à Instituição.

Artigo 7 O atual administrador, no caso de incapacidade psíquica, poderá nomear uma pessoa idônea para substitui-o na administração e, acontecendo que não ache pessoa em tais condições, o governo poderá chamar a si os bens da Instituição.

São Paulo, 30 de Dezembro de 1907

O Administrador, Antonio Gonçalves da Silva Batuira.

Algumas peculiaridades do texto revelam um pouco dos costumes da época e da personalidade ímpar de Batuira.

Asilar viúvas desvalidas, porém honestas (sic), talvez possa revelar um

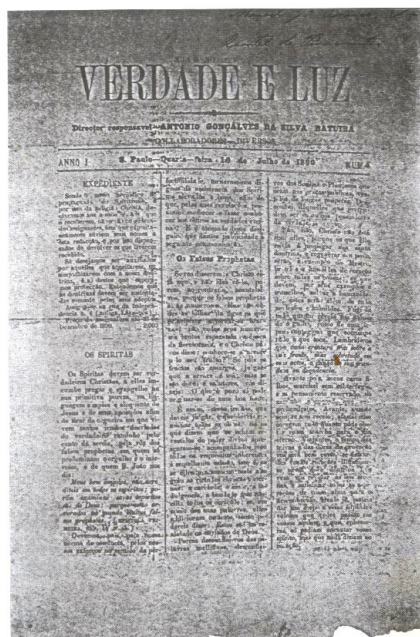
preconceito ou então uma precaução tomada por Batuira por alguma ocorrência desagradável de que tenha sido vítima.

A obrigatoriedade do vegetarianismo aos assistidos pela Instituição mostra um Batuira muito exigente em relação a si próprio e aos que o rodeavam.

Após o desencarne de Batuira, na reformulação estatutária promovida para a adaptação da Instituição à nova condição, modificou-se o texto original por: O regime da Instituição será vegetariano, quanto possível.

Acima de tudo, porém, o teor dos estatutos confirma a generosidade e o desprendimento de Batuira ao relacionar os valiosos bens que destinou à Instituição Cristã Beneficente Verdade e Luz após a sua morte. Lembramos, ainda, que a essa época (1908), boa parte de seu patrimônio já havia sido vendido para sustentar sua vasta obra assistencial e o periódico Verdade e Luz.

A publicação dos Estatutos e a organização da vida da Instituição deveram-se, sobretudo, à certeza que Batuira tinha da proximidade de seu desencarne, que ocorreria um ano após.



Fac-símile do Jornal Verdade e Luz de 16/07/1890 (nº 4)

X

Criação do periódico "verdade e luz"

Em 1889, Batuira passou a ser o agente exclusivo do Reformador na cidade de São Paulo, advindo daí, talvez, o despertar do pioneiro espírita para a necessidade de dotar São Paulo de seu próprio órgão de propaganda e que pudesse registrar as atividades do movimento na época.

Antes que Batuira conseguisse viabilizar o periódico Verdade e Luz, poucas tentativas e efêmeras tiveram os paulistas em criar uma imprensa espírita no Estado, apesar de que já estivesse a Doutrina se solidificando em terras bandeirantes.

Assim, relacionamos duas dessas tentativas, inclusive para situar a importância que teve o Verdade e Luz para a defesa da Doutrina em São Paulo. São eles:

União e Crença — Areias, publicação mensal, propriedade do Grupo Espírita Fraternidade Areense. Fundado em 24/03/1881. Foram seus editores: Cel. Joaquim Silvério Monteiro Leite e Afonso da Távora.

Pugnou pela união da família espírita, ao tempo um tanto dividida entre místicos e científicos. Preferiu divulgar o Espiritismo na forma que melhor cabe aos brasileiros: religião.

Espiritualismo Experimental — Capital. De vida efêmera, parece que o primeiro exemplar circulou em setembro de 1886. Periódico mensal, fundado e dirigido por Francisco dos Santos Cruz Júnior, assim se definia: órgão consagrado a todos os ramos do conhecimento humano e, especialmente, à Ciência Espírita. Teve como representante no Rio de Janeiro o português Augusto Elias da Silva, fundador do Reformador em 1883. (14)

(14) *Informações encontradas no trabalho 70 anos de Imprensa Espírita em São Paulo, de Eduardo Carvalho Monteiro, constante do livro Sinal de Vida na Imprensa Espírita.*



Fac-símile do Jornal Verdade e Luz de 15/01/1900 (nº 232)



Fac-símile do Jornal Verdade e Luz de 30/09/1900 (nº 232)

Conforme vimos no capítulo anterior, em 1890 Bатуíra adquiriu uma tipografia, que passou a denominar-se Tipografia Espírita e, em 25 de maio de 1890, lançou o primeiro número do jornal Verdade e Luz no formato 26x38, com 4 páginas a 3 colunas e tendo o próprio como editor. Seus primeiros pontos de venda foram duas charutarias na Rua São Bento e no Largo do Tesouro, sendo o fruto da venda destinado à assistência social. Seu excêntrico expediente, no frontispício da primeira página, dizia o seguinte:

Sendo o nosso periódico de propaganda do Espiritismo, e por isso da religião cristã, declaramos aos nossos rivais que o receberem, não serão considerados assinantes sem que espontaneamente enviem seus nomes a esta redação e, por isso, dispensados de devolver os que tiverem recebido.

Só desejamos ser auxiliados por aqueles que aceitarem ou simpatizarem com a nossa doutrina, e é só destes que esperamos proteção. Entendemos que as doutrinas devam ser sustentadas somente pelos seus adeptos.

Assina-se na Rua Independência nº 4 (antiga Lavapés).

Preço da assinatura até 31 de dezembro de 1890: 2.000 réis.

Na última página divulgavam-se os dias das reuniões públicas: quintas e domingos às 19 horas, sendo neste último apresentada palestra sobre o Evangelho segundo a Ciência Espírita.

Abrindo o ano de 1900, o primeiro exemplar já apresentava um frontispício mais elaborado com as frases Sem Caridade não há Salvação e Nascer, Viver, Morrer, Renascer ainda e Progredir Sempre, tal é a Lei. Autodefinindo-se como Orgam do Espiritualismo Científico, trazia o nome de seu diretor responsável.

A princípio, o jornal saía com a tiragem de 2 a 3 mil exemplares, a qual foi crescendo até atingir a fantástica marca de 15.000 exemplares em 1897, diminuída em 1900 para não menos surpreendentes 6.000 exemplares. Nos últimos anos da direção de Batuira, o Verdade e Luz passou a ter o formato de revista (16x22, com 32 páginas a 1 coluna) e sair mensalmente. Não sabemos se o periódico circulou após o desencarne de Batuira, mas tudo indica que não, por muito tempo, face às dificuldades financeiras encontradas por seus sucessores. Em dezembro de 1922, já sob o comando de Lameira de Andrade, voltou a circular quinzenalmente em formato de revista.

Além de traduções de periódicos estrangeiros e de noticiários nacionais, o jornal (depois revista) Verdade e Luz inseriu em suas colunas as colaborações originais de muitos espíritistas brasileiros, entre outros, Ewerton Quadros, Anália Franco, Augusto José da Silva, Valado Rosas, Urias, Pitris, Paulo Vero, Manuel José da Fonseca, Luís Ferreira, Edla de Moraes Cardoso, Antônio Pinheiro Guedes, João Lourenço de Sousa, Traumer, Casimiro Cunha, Modesto de Araújo Lacerda e Silvestre Evangelista dos Santos.

Se por um lado o desprendimento de Batuira, investindo muito dinheiro no jornal, auxiliava na divulgação da Doutrina Espírita por distribuí-lo quase gratuitamente, por outro, comercialmente, era um desastre, pois consumia suas economias e seu patrimônio cada vez diminuía mais.

Desta maneira, o Reformador, de 2 de novembro de 1899, noticiou algumas providências tomadas pelo Editor do Verdade e Luz para equilibrar seu orçamento:

Em uma longa exposição de motivos esse nosso colega de São Paulo

cabalmente justifica a resolução que é obrigado a tomar, cessando a distribuição gratuita da sua folha e passando a cobrar os preços que reproduzimos em seguida, mas continuam excetuados os Governadores dos Estados da República, as associações literárias, gabinetes de leitura, lojas maçônicas que o reclamem e as bibliotecas públicas do país. Em seu Ano XVII, já como hebdomadário da Instituição Cristã Verdade e Luz, no formato revista, eram os seguintes conceitos em sua apresentação: Todo efeito tem uma causa. Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente. A potência da causa inteligente está na razão direta da magnitude do efeito. Não há culto mais elevado que a Verdade.

Em sua requisitada obra *A Imprensa Periódica de São Paulo* (15), Affonso de Freitas infelizmente se baseou num mal formulado e preconceituoso necrológio de Bатуíra, para assim se referir ao grande líder espiritista:

(15) Editada pelo Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 1915.

...Antônio Gonçalves da Silva Bатуíra, homem morigerado que em São Paulo conseguiu, após longos anos de trabalho honrado e pertinaz, reunir avultados bens de fortuna, era um espírito crédulo e bom, porém mal-orientado, e os 17 anos de jornalismo sectarista absorveram-lhe toda a fortuna com tanto labor acumulada, vindo ele a falecer a 21 de janeiro de 1909 nas vizinhanças da miséria.

Longe de ser "mal-orientado", Bатуíra foi, isto sim, um dos próceres do movimento espírita do passado. Admirado até mesmo pelos adversários do Espiritismo, sua fé inabalável aliada à grande extensão de sua obra caritativa e de divulgação da Doutrina Espírita, fez dele um grande vulto até hoje admirado pelos espíritas.

Bатуíra transferiu em março de 1905 a redação e as máquinas da Revista Verdade e Luz para a Rua Espírita n° 28.

Uma pequena análise nos permitimos fazer, apesar dos poucos e dispersos números que tivemos a oportunidade de compulsar do periódico Verdade e Luz.

O jornal se iniciou fruto do idealismo de Bатуíra e incorporando tendências ufanistas. No começo não tinha uma linha editorial definida, fruto da inexperiência de seu fundador, além de critérios técnicos. Quanto ao conteúdo, apresentava artigos proselitistas ou numa linha de combate

ao catolicismo.

Aos poucos a inexperiência vai sendo suprida e o jornal assume uma linha editorial mais definida, alguns colabora-dores de peso, mas mantém uma característica de jornal espiritualista, seguindo uma tendência da época e falando de assuntos como maçonaria, teosofia, astrologia, etc... Por terem na Igreja Católica uma adversária comum, livres-pensadores e espiritualistas em geral eram unidos entre si, misturando suas teorias e forçando uma mútua identificação que nem sempre existia.

Ao assumir polêmicas em favor do Espiritismo, principalmente entre Batuíra e as Damas da Caridade da Diocese, cremos que o jornal encontrou o seu ponto de equilíbrio, pois juntos vieram os artigos traduzidos mostrando as experiências do Espiritismo científico por parte dos grandes sábios.

Estas, bem dosadas com matérias com análises evangélicas e notícias em equilíbrio de espaço e destaque, a partir de 1900 faziam do Verdade e Luz um jornal dinâmico e interessante de ler. Para a divulgação da Doutrina, sua credibilidade e as altas tiragens que alcançava eram de excepcional valor.

Ao desencarnar, Batuíra deixou um ótimo periódico em seu conteúdo, apresentando-se como uma Revista Mensal de Espiritualismo Científico e realmente o era, boa apresentação em 32 páginas de substancioso Espiritismo.

Também instalou Batuíra junto à Redação uma Livraria Espírita, dispensando-se de receber lucro sobre as vendas para facilitar o acesso às obras a um maior número de pessoas. Vendia não só obras em português, como importadas da Europa, América do Norte e países latinos.

Como bom propagandista, Batuíra espalhou gratuitamente prospectos e folhetos de propaganda do Espiritismo, por ele próprio impressos, e distribuiu milhares de livros pelo interior do País, tantos, que, de acordo com as próprias palavras dele, muitas vezes ficaram esgotados nas livrarias dos Srs. Magalhães e Laemmert.

XI

Polêmica religiosa

Como já relatamos, o surgimento do Verdade e Luz foi muito importante por ter sido o único a sobreviver e manter regularidade por duas décadas no campo doutrinário espírita. Sua importância crescia à medida em que se tornava uma voz em defesa dos princípios espíritas, principalmente contra os católicos, que viam o Espiritismo crescer em adeptos e se solidificar junto a intelectuais de prestígio da sociedade paulista,

O episódio mais importante da vida do jornal foi à polêmica religiosa travada entre Batuira e as Damas da Caridade da Diocese de São Paulo por mais de oito anos, em que ele assinava os artigos com o pseudônimo "Ninguém". Nestes artigos intitulados Diversos Assuntos oferecidos as Exmas. Damas de Caridade da Diocese de São Paulo, Batuira relatava casos do Centro, curas físicas e espirituais lá obtidas, conceitos evangélicos espíritas, rebatia as acusações dos católicos e fazia defesa veemente do Espiritismo contra as diatribes assacadas pela Igreja. Sua redação era simples, mas correta, e ele alternava momentos de serenidade na linguagem com rigor e agressividade quando necessário.

Naturalmente refugiava-se Batuira atrás de um pseudônimo por não querer auto-exaltar-se, colocando-se em superioridade pelas curas que promovia, no entanto, no centésimo artigo dedicado às suas contendoras, resolveu assinar "Alguém". Isso aconteceu no número de setembro de 1908, alegando ele que, diante de sua consciência, só agora se julgava "alguém" na Seara Espiritista por haver consolidado a Instituição Cristã Beneficente Verdade e Luz, à qual havia acabado de doar tudo o que possuía (ou que restava) com plena aprovação da esposa. Reverente, consciente de sua responsabilidade, escreveu Batuira:

Só temos que agradecer à Divina Providência ter abençoado o nosso pequeno trabalho, permitindo-nos podermos apreciar o resultado dos nossos esforços no transcorrer de dezoito anos. E mais adiante: Enquanto a Divina Providência nos der força, faremos o que pudermos para convencer nossos adversários de que os nossos maiores desejos têm sido,

são e serão o adiantamento de toda a Humanidade. Saibam as nobres Damas que ainda continuamos com o mesmo afã no empenho de aliviar os sofrimentos dos nossos irmãos, sem indagarmos a que seita ou religião pertencem. E como entre nós a Católica é a mais numerosa, mais trabalho temos com os crentes dessa religião.

Para ilustrar o teor dos artigos dedicados às Damas de Caridade, selecionamos um pequeno trecho que reproduzimos do exemplar de 30 de abril de 1903, n° 311, Ano XIII (16). É a seqüência da descrição de uma polêmica com o Rev. Eduardo Pereira, protestante.

(16) Exemplar disponível no arquivo do Autor e no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

(...)

Desafiamos o nosso contendor para que nos dissesse o nome de um só espírita que estivesse no Hospício.

Dissemos que a mentira dita por um sábio não deixaria de ser mentira. Mas a verdade dita por um ignorante era sempre verdade. Era isto o que esperava iria acontecer.

Provamos pelos fatos que o espiritismo curava a loucura e que as religiões positivas a produziam.

Começamos por contar a primeira cura que fizemos, como o mais indigno instrumento da Divina Providência.

Uma senhora (médium auditiva inconsciente) estava muito atormentada por ouvir as palavras as mais imorais e insultuosas que "lábios" ocultos proferiam; entretanto, com uma oração e alguns conselhos ficou livre desse incômodo moral por 10 minutos.

Outra tinha sido acometida de loucura furiosa horas depois de seu casamento havia 5 anos e a quem a família já pensava em internar no Hospício; veio para nossa casa e, no fim de dois meses, achava-se completamente sã.

Ainda outra, uma moça solteira que viera com seus pais, uns roceiros, em menos de quinze dias voltou ao seu trabalho.

Mencionei ainda o caso de três pessoas, pertencentes à mesma família, que ficaram loucas, num sábado quando estavam rezando novenas e que em vinte dias ficaram curadas.

Essa família morava seis léguas distante da capital. No fim de trinta

dias nos vieram agradecer a cura que Deus lhes fez.

Estes fatos contamos com todas as peripécias, assim como outros que seria longo enumerar.

Quando demos por terminada a conferência, eram nove horas da noite.

Todos os assistentes, no auge do entusiasmo, romperam com uma demorada salva de palmas.

Vede, nobres Damas de Caridade, como foi aplaudida a verdade!

A verdade é sempre a verdade.

Ninguém

XII

Batuíra noticiou discos-voadores em 1897

Os ufólogos atuais dizem provar que até mesmo no Velho Testamento há registro de relatos de visitas à Terra de Objetos Voadores Não Identificados, os conhecidos popularmente discos-voadores. Outros falam de suas presenças nas Grandes Guerras, mas os mais cautelosos preferem afirmar que as primeiras provas concretas deles no planeta só são encontradas a partir do Caso Roswell no Texas, EUA, quando acidente de UFOS permitiu a captura de cadáveres de extra-terrestres em 1947.

Batuíra, no entanto, já no século passado, fazia referência no periódico Verdade e Luz a estranhos objetos e suas evoluções nos céus de São Paulo. A notícia é uma transcrição do jornal Curralinhense, sob o título Interessante Fenômeno, trazendo depoimento das testemunhas do fato, srs. A. F. Oliveira, A. S. de Farias, J. B. G. de Oliveira e Luciano Ribas que observaram o ocorrido em 27 de outubro de 1897. Eis a notícia:

As dez e um quarto da noite, voltando eles do bairro da Moenda, foram surpreendidos por um clarão e, procurando ver de onde emanava, avistaram duas esferas luminosas de diâmetro aparente de vinte e cinco centímetros mais ou menos que, levantando-se da Serra do Lobo, corriam, uma em perseguição à outra, em direção a Bragança.

Quando chegaram ao topo da Serra, retrocederam e seguiram em direção inversa até o ponto em que fica a estrada que desta vila vai até Santa Rita da Extrema. E assim continuaram perseguindo-se mutuamente até que, passados alguns minutos, ligaram-se em uma cadeia de 1,5m mais ou menos, justamente no ponto de onde haviam emanado e assim começou essa cadeia a subir e descer por alguns minutos até que esse feixe dividiu-se em três esferas, sendo as duas laterais maiores e a do meio pequena, como uma estrela, começando de novo uma verdadeira luta, na qual desenvolviam uma velocidade extraordinária.

Fundiram-se em um só núcleo, do tamanho da luz, mais ou menos, e depois de fazer ascensão até 90 graus, aproximadamente, no horizonte, baixou, e, entranhando-se na floresta, deixou um clarão.

O que é de estranhar, afirmaram os observadores, é que essa luz era

perfeitamente igual à do sol, apresentando-lhes as mesmas irradiações.

Será que é o que os oculistas chamam raio em globo?

Exceção feita aos equívocos de perspectiva, o relato dos observadores do século passado sobre os óvnis muito se assemelha aos casos catalogados por nossos ufólogos atuais: os contornos cilíndricos dos objetos, sua luminescência, a espantosa velocidade com que se movimentam, as mudanças repentinas de rumo, etc...

E o pioneiro do Espiritismo em São Paulo, Bатуíra, continuava pioneiro em outras áreas...



Prédio da Instituição Verdade e Luz, localizado a rua Espírita, numero 28, doado por Bатуíra. Foto do inicio dos anos 20.

XIII

Cenas de uma vida edificante

Sua figura era inconfundível. Andar lépido, em que parecia estar sempre atrasado, estatura mediana, entroncado, desleixado ao vestir-se. Testa larga, rosto sisudo, escondido atrás de longas barbas brancas que eram sua marca registrada. Semelhanças? Só com o Imperador, alguém lembrou. Apenas que outro era seu reino. Era o "cortiço" do "seo" Batuíra. Ali não havia brigas, não havia demandas policiais, ordens de despejo. Se o inquilino não pudesse pagar, nem por isso seria despejado. Se mudava, pedia dinheiro ao seu senhorio para a mudança. E ele dava.

Esse era Batuíra. Pioneiro do Espiritismo em São Paulo, semi-analfabeto respeitado em rodas intelectuais, editava um jornal cujas idéias rivalizam-se com os grandes periódicos. Cotidianamente debruçava-se nos cavaletes de sua "pequena grande" tipografia, com dedos ágeis catava as letras no fundo dos caixotins, enquanto sua barba alva enegrecia as pontas ao contato com as caixas de tipos. E assim circulava o Verdade e Luz. Altaneiro. Atrevido. Orgulhoso da sua condição de espírita. Altivo na hora de confrontar sua verdade com os rivais católicos e protestantes. Assim ele era. Assim era sua cara. A cara de Batuíra.

E onde morava Batuíra? Na Rua Espírita, uma rua que já fora sua. Agora era de todos. Assim como sua casa, um misto de hospital, albergue, centro espírita, asilo de loucos, orfanato.

A casa de Batuíra só não era maior que seu coração. O pior é sempre o que ele recebe, diziam todos, como que a indicar que os excluídos pela sociedade eram os que mais ele amava e exultava receber sob seu regaço.

Batuíra viveu em carne e osso entre nós até os primeiros anos deste século, mas sua trajetória terrena foi tão edificante e auspiciosa que não demorará a que sua figura se torne uma lenda na história.

A manipulação perfeita da homeopatia, a intuição precisa no atendimento aos pacientes, a dedicação com renúncia pessoal tanto a pobres quanto a ricos, o desprendimento material, estas e outras virtudes pretendemos destacar ao relembrar aqui cenas de sua vida edificante. Os episódios que se seguem são pálidas amostras de sua existência que a

memória popular conseguiu reter para a posteridade.

Deus Nosso-Pai
(fragmento)

"Quem vem lá, faminto ou desesperado, tentando encontrar socorro ou consolação?

Pausemos para servir porque é nosso familiar que nos bate à porta suplicando asilo e compreensão."

Batuíra/Chico Xavier
Bênçãos de Amor

Depoimento de Carlos Jordão da Silva

Em entrevista concedida a Josyan Courté e publicada no Anuário Espírita de 1974, o confrade Carlos Jordão da Silva (17) relata que conheceu Batuíra em sua infância.

(17) Carlos Jordão da Silva (1903-1985) foi figura de grande relevo do movimento espírita paulista, tendo sido várias vezes Presidente da União das Sociedades Espíritas (USE) e da Federação Espírita do Estado de São Paulo (FEESP). Participou também do Pacto Áureo (1949) e da Caravana da Fraternidade (1950).

— O Sr. lembra-se do Batuíra?

— Sim, perfeitamente. Era menino ainda, mas a memória não me trai. Lembro-me inclusive de vê-lo passando pelas ruas. Nós morávamos no Glicério, que era bem próximo de onde residia o Batuíra. Ele usava casaca branca, fechada no pescoço, assim como atualmente usam os dirigentes políticos chineses, porém, de cor preta, que aparecem nos jornais. Andava pelas ruas recolhendo doentes de toda ordem, principalmente débeis mentais. Era por demais conhecido. Sua figura impressionava à primeira vista, pois tinha um olhar profundo, magnético e seu semblante irradiava mansuetude, benevolência. Lembro-me muito bem.

"Nunca se viu egoísmo que não se queixe de ingratidão."

Batuíra/Chico Xavier
Praça da Amizade

Batuíra e Anália Franco

Anália Franco (1853-1918), com justiça cognominada A Grande Dama da Educação Brasileira, foi contemporânea e grande amiga de Batuíra. Anália fundou a Associação Feminina Beneficente e Instrutiva de São Paulo, que mantinha vários serviços assistenciais à população, destacando-se as escolas e os orfanatos.

Batuíra tinha sob abrigo na Instituição uma jovem parálitica, sua protegida, que sempre visitava.

O confrade Thomaz Novellino (18), então interno da Instituição de Anália, quase centenário, retém na memória lúcida algumas ocorrências com Batuíra:

(18) Thomaz Novellino, médico, nascido em 1902, é personalidade espírita importante que atua desde a década de 20 no movimento spiritista de Franca e paulista. É fundador do Instituto Pestalozzi naquela cidade e de várias outras obras espíritas.

Em determinado tempo, lembro-me de que a jovem ficou obsediada e era tratada com passes e água fluida. Anos mais tarde, a figura do excepcional espírita Batuíra foi-me trazida novamente, agora em Espírito, pela vidência de Eurípedes Barsanulfo quem fui aluno, e que inúmeras vezes, quando estava no quadro-negro ditando exemplos para nós, alunos, ia descrevendo: "Olha, vi um facho de luz verde, verde-esmeralda, é Batuíra, esse róseo é Bezerra de Menezes, este outro, cor tal"; e assim ia relacionando os Espíritos que iriam participar das sessões à noite e se faziam presentes, rodeando-o.

No número 62 de A Voz Maternal, de janeiro de 1909, Anália noticia o desencarne de Batuíra: Na madrugada de 22 presente baixou ao túmulo o ancião de 69 anos, sr. Antônio Gonçalves da Silva Batuíra. É fora de dúvida que foi um batalhador na prática do bem. Fundou, há 19 anos, a "Verdade e Luz"; que incontestavelmente cooperou para o

desenvolvimento da Doutrina que abraçou. Foi um devotado apóstolo do bem. Deus o chame a Seu Regaço.

"Não pares de trabalhar e servir. Encoraja-te na luz oculta do bem, escora-te em Deus e te adianta."

Batuíra/Chico Xavier
Praça da Amizade



Foto histórica, provavelmente de 1907, vendo ao centro Batuíra, durante a inauguração do prédio do Centro Espírita Luz e Caridade, de Limeira, por ele fundado em 1906. Ladeando Batuíra, vê-se Dona Maria Tank Tessier, João Kühl, Benedito José dos Reis, José Kühl, João Marcondes e Dona Isabel Fischer de Oliveira.

Batuíra em Campinas

Artigo sobre a História do Espiritismo em Campinas no Anuário Espírita de 1967 fala das passagens de Batuíra pela Terra das Andorinhas. Acompanhemos o seu texto:

De Batuíra, o primeiro impulso

Pelo ano de 1901, circulava em Campinas, como em todo o interior

paulista, o jornal "Verdade e Luz", redigido e impresso na capital, sob a direção de Antônio Gonçalves da Silva, o Batuíra.

Em 1904, Batuíra vinha com freqüência a Campinas, para presidir sessões que se realizavam na residência do sr. Manoel Alfaia, sendo médium o jornalista e orador Benedicto Florêncio, e freqüentadores os poucos espíritas existentes, entre os quais: José Maria Bueno, André Reynhard, José Baptista Vieira (ferroviário), José Baptista Vieira funcionário municipal, Carlos Weeck (ferroviário), Augusto Tarante e Senhora, Theófilo Siqueira e Senhora, Antônio (funileiro) e o médium Sarmiento.

Batuíra em Minas

A segunda excursão que fez a Minas Gerais, em 1905, e que durou quarenta dias, descreveu-a Batuíra em sua revista, concluindo com estas palavras: Já vêem... que, apesar dos nossos 66 janeiros, estamos cheios de coragem para a propaganda da Verdade.

Opinião de Cairbar

Espírito liberal — simples na sua caridade, grande na sua simplicidade, assim se referiu a ele outro abnegado apóstolo da Causa Espírita em São Paulo, Cairbar Schutel.

Apoio a FEB

Nos últimos meses de 1891, O Reformador encetou uma campanha no sentido de se dar à Federação Espírita Brasileira prédio próprio.

Em Verdade e Luz, noticiando o belo projeto da FEB, Batuíra deixou registradas estas palavras:

Creemos que, reconhecidos os relevantes serviços que à propaganda tem prestado a Federação, não haverá um único espírita sincero que deixe de, direta ou indiretamente, concorrer com os seus esforços para a realização de tão momentoso como útil projeto.

Infelizmente, porém, este sonho só muito mais tarde pôde ser

concretizado, sob a presidência de Leopoldo Cirne.

Nunca é tarde demais...

Extraímos da obra *O retumbar da trombeta*, de Amadeu Santos (Ed. FEB, 1942), interessante caso de conversão do médico e dentista Alciro Valadão, que Batuíra iniciou, enquanto encarnado, e terminou do Plano Espiritual.

O nosso confrade Dr. Alciro Valadão, ilustre clínico desta Capital expusera-me os motivos que o levaram a aceitar o Espiritismo.

Tendo feito o curso de odontologia, em S. Paulo, houve a feliz oportunidade — narra ele — de conhecer Batuíra, de quem se tornou amigo.

Nesse tempo esposava ele idéias materialistas, e Batuíra lhe dissera que ainda o tornaria espírita, visto que era um moço inteligente, com tendências para prática do bem.

Deixando S. Paulo, fixara residência no Rio de Janeiro, matriculando-se na Academia de Medicina, onde se formou em ciências médicas e cirúrgicas.

Certo dia, passeando despreocupadamente por determinada rua da Capital viu-se compelido por uma força estranha, irresistível, a subir a escada de determinado prédio. Vencida a escada, viu-se de permeio a uma numerosa assistência que, silenciosamente, ouvia um orador que dissertava sobre assuntos espíritas, em homenagem ao patrono da Casa. Poucas palavras do orador ele pôde ouvir porque logo caiu em transe, discorrendo por algum tempo sobre os mais elementares princípios doutrinários do Espiritismo. Terminada a alocução, toda a assistência deixava transparecer uma emoção profunda, causada pela impressão agradável que lhe proporcionara aquele discurso erudito e oportuno, de atualidade doutrinária e científica espírita. E muitos assistentes vinham dar-lhe os parabéns pela brilhante peça oratória que acabara de produzir, ao que ele lhes respondia não conhecer nada do Espiritismo, nem saber explicar o que havia sucedido, porque médium inconsciente. Foi, então, quando um médium desenvolvido do centro cai em transe e diz: "— Meu amigo, eu sou o Batuíra, aquele que acaba de falar por intermédio do teu

aparelho, para cumprir com a palavra, resgatar a promessa de que havia de te tornar espírita. Não o consegui na minha vida material; mas hoje, mesmo desencarnado, com o auxílio das excelentes faculdades mediúnicas que o Pai te confiou, pude conduzir-te aos umbrais do templo do Espiritismo. Estuda-o com isenção de ânimo e com carinho, e terás o consolo para a tua Alma. Adeus"

Diante do ocorrido, o Dr. Valadão foi obrigado a estudar a consoladora Doutrina dos Espíritos, dela se tornando um adepto consciente e fervoroso.

"O relógio não é somente um marcador de minutos; é igualmente um amigo tentando ensinar-nos disciplina e atenção"

Batuíra/Chico Xavier
Praça da Amizade

Receita para marido infiel

Também de O retumbar da trombeta extraímos este caso de Batuíra, que mostra a ponderação e a inspiração mediúnica que ele possuía ao atender seus consulentes. Talvez a mesma receita não se aplicasse a outro caso semelhante, mas a orientação segura dos Espíritos (ou sua intuição, quem o saberia?) levou-o a mostrar o caminho certo àquela esposa aflita.

Um amigo e contemporâneo de Batuíra narrou, certo dia, expressivo episódio de sua vida:

Uma senhora da mais alta posição social que, sobre as virtudes e apreciáveis qualidades do 'curandeiro do Lavapés'; ouvira comentários respeitosos, procurou Batuíra, pressurosa, em busca de algo que lhe servisse de lenitivo ao coração amargurado e oprimido, por motivo de um deslize da parte do esposo, afetando o brio conjugal. Enquanto Batuíra se mostrava despreocupado, sereno, cândido e tranqüilo, denotando a quietude dos justos, a visitante, faces enrubescidas, olhos chamejantes e perscrutadores macerados de lágrimas, coração arfeante, lábios trêmulos, quedara-se estática, diante do homem baluarte do Espiritismo em S. Paulo, sem articular qualquer frase, em penoso silêncio que Batuíra

quebra, afinal, dirigindo-se à senhora: "— Filha, percebo que algo inquietante e perturbador te ocorre à mente e te compromete a paz do Espírito, e que esta visita com que me honras se relaciona com os teus sofrimentos. Sei que buscas alguma coisa que te sirva de remédio à cura dos teus males, possivelmente morais. Se eu, na minha fraqueza e simplicidade te puder ser útil, sentir-me-ei feliz em te servir. Abre, pois, o teu coração e fala com franqueza, sem receios, certa de que falas a um irmão em Cristo que se interessa pelo teu e pelo bem de todos os seres."

"- Sofro muito — disse a senhora —, pois meu marido, outrora companheiro sincero, amoroso, exemplar, degenerou, faltando aos compromissos de esposo. Todas as noites abandona o lar e se dirige a determinado ponto, que diz ser um seu escritório, onde o prendem múltiplos afazeres comerciais. Além disso, em todos os seus gestos houve uma radical mudança, com relação à vida conjugal, até que positivei ser o pretense escritório um lar clandestino. Fiquei quase louca, e data daí minha verdadeira odisséia, um enorme martírio na minha vida; um turbilhão de idéias, pensamentos sinistros povoaram meu cérebro. Pensei abandonar o lar.

Calculei vingar-me, de qualquer modo, e muitas vezes me vi na iminência de tomar uma resolução extrema, imponderada, com prometedora e criminosa!... Mas, antes de tomar qualquer atitude, guiada por um impulso superior à minha vontade, norteadada por um desejo irresistível, íntimo, e orientada pela fama dos seus prodígios de espírita, de que tanto se fala, resolvi procurá-lo, na ânsia de obter uma solução que me proporcione a reconquista da felicidade conjugal no meu lar. E resolvi, então, comigo mesma, que, se alcançasse a graça de o senhor corrigir meu marido, eu me reconciliaria com ele, sem outros inconvenientes, e a paz, de certo, voltaria a imperar no nosso lar, pois que ouvi dizer que o senhor, por meio do Espiritismo, resolve muitas cousas da vida da gente..."

"— Minha filha — retorquiu Batuira —, penalizo-me da angustiosa situação em que se acha o teu Espírito atribulado, e devo dizer-te que o Espiritismo é coisa muito diferente do que julgas. Ele é o Consolador prometido por Jesus Cristo e que está entre nós para restaurar o seu Evangelho, consolando e doutrinando as criaturas. É, além do mais, uma doutrina religiosa, filosófica e científica, baseada em fatos, em

argumentos que podem encarar a razão face a face, tudo apoiado nos Evangelhos do Mestre dos Mestres.

Uma doutrina consoladora assim não é coisa que se coadune com sentimentos egoísticos, arrogantes e subalternos dos homens, e por isso, não se pode imiscuir em cousas de foro íntimo que se relacionem com o que é material e personalista! Todavia, o Espiritismo fornece todos os recursos necessários, todos os elementos essenciais à conquista da paz das consciências. É o teu caso, minha filha, conquanto pareça insolúvel para os que não tiveram ainda a felicidade de conhecer e sentir o Espiritismo, é coisa insignificante, problema fácilimo para resolver, questão banal para solucionar. Presta, pois, muita atenção ao que eu te vou preceituar, consoante preceituam os postulados da doutrina espírita, para resolver esse e outros casos idênticos, com o que serás feliz, terás todas as venturas conjugais e serás amada e respeitada pelo teu esposo. Basta-te isso — Que tenhas paciência!

"— Deveras?!..."

"— Sim, não te admires: QUE TENHAS PACIÊNCIA! Mas não vás julgar, minha filha, que ser paciente é ficar de braços cruzados, em completa inação! Não, isso é ser preguiçosa! Deves ter paciência para com o teu esposo, no sentido de o tratares com o mesmo carinho, a mesma ternura, meiguice, solicitude e desvelo de sempre, procurando ocultar-lhe a tua desdita, mostrando desconheceres a sua infidelidade, perdando-lhe de coração a falta, esquecendo-a, não o recriminando, nem censurando ou criticando-lhe o gesto, não o ridicularizando, e antes, dando-lhe sempre o teu sorriso afável de esposa — superior — dedicada e terna. E verás, então, que ele se enfartará dos desregramentos, atentará no comportamento exemplar e no teu nobre e belo exemplo, nessa preponderante lição com a qual será tocado e se arrependerá, envergonhando-se do seu próprio erro e... fechando, para sempre, o seu "escritório":

E Batuíra falava com tanta convicção evangélica, com tanta erudição espiritual, que a desventurada senhora sentiu reanimarem-se-lhe as forças, deixando o retiro cristão de Batuíra profundamente emocionada e convicta da eficiência dos métodos ditados por aquele lídimo seareiro do Senhor, e resolvida a pôr em prática, ainda que a ingentes esforços, os

conselhos recebidos.

Passados alguns meses, a senhora voltou a procurar Batuíra, mas, desta vez, sorridente, jovial, deixando transparecer um grande contentamento de alma. E, com desusado desembaraço, falou nestes termos:

"— Senhor, venho hoje à sua presença para lhe agradecer os benefícios que me proporcionou. Os seus conselhos salvaram-me da desgraça, da corrupção, em cujo abismo estive prestes a precipitar-me. Observei, à risca, os seus alvitre, e posso agora dizer-lhe, sem constrangimento, que os ensinamentos espíritas que me ministrou fizeram o verdadeiro milagre da volta da paz, da confiança, da alegria, da harmonia e do amor ao meu lar! Seguindo os seus conselhos, suportei com resignação e paciência as minhas mágoas, e sofri, sem murmurar, as minhas provas. E, há poucos dias, meu marido, saindo às horas de costume, voltou momentos após, vendo-se-lhes nos traços fisionômicos algo que denotava angústia e inquietação. Recolheu-se ao seu dormitório e, uma vez no interior do mesmo, começou a andar de um lado para o outro, articulando frases, gesticulando nervosamente. Aproximando-me vagarosamente do aposento, ocultamente, procurava orar por ele, quando lhe ouvi estas palavras: Mulher infame, falsa, infiel! Eu que tudo sacrifiquei por ti; que abandonei a placidez do meu lar sagrado, bafejado dos desvelos angelicais de uma esposa dedicada e boa, roubando-lhe, criminosamente, a tranqüilidade; eu que tenho negado até a atenção, o carinho, o conforto a essa esposa, e ela tudo tem sofrido, sem nada exigir, sem me condenar, sequer; eu que por ti, mulher desalmada, tenho sacrificado dinheiro, reputação, tudo... e agora me enxovalhas com a mais ignominiosa de todas as infidelidades! Não te quero mais! Nunca mais! Viverei doravante inteiramente para o amor de minha esposa!"

Não imagina, senhor, quanto me senti feliz naquela hora tão sobejamente compensadora dos meus sacrifícios e tão grata, graças ao meu benfeitor! Evidentemente, meu consorte se regenera e hoje procura estudar-me os mais íntimos desejos para me ser agradável, para me fazer feliz. Bem haja, pois, meu senhor, por tanto bem que proporcionou ao meu espírito atribulado e inexperiente."

"— Vai, filha, nada tens que me agradecer, senão a Jesus, que me fez intermediário da sua graça."

"Quem perdoa acende a luz da compreensão para muita gente."

Batuíra/Chico Xavier
Praça da Amizade

O "Hospício" do Batuíra

São Paulo já não era mais a pacata cidade que Batuíra encontrara quando chegara das lavouras de Campinas disposto a vencer na vida. A população dobrara, suas ruas contavam com mais de 25.000 metros de trilhos, a iluminação a gás estava por toda parte, 3.500 prédios recebiam água, 4.500, coleta de esgotos.

Construía-se o Viaduto do Chá, cartão-postal de São Paulo "chic", trabalhava-se na retificação e cobertura do leito do Anhangabaú, ampliavam-se os edifícios da Penitenciária, do Hospício dos Alienados e da Escola Normal. Dia a dia aumentava o surto migratório. Este tinha destino certo nas lavouras cafeeiras do hinterland paulista.

Com o progresso e o aumento da população, as necessidades básicas eram outras, os problemas sociais avultavam e o poder político não tinha pernas para acompanhar a marcha do crescimento. Por isso, a Rua do Espírita era uma válvula de escape das autoridades. Lá, sabiam que os enjeitados mais enjeitados sempre encontrariam abrigo. Lá, os estômagos vazios encontravam seu farnel por mais humilde que fosse. Lá havia teto, cama, cobertor e sopa quente para o louco que ninguém queria, o migrante sem pouso, o velho em fim de vida, a viúva desvalida, filhos ao colo, e toda a sorte de desvalidos.

Por isso, foi o recurso de que aquela autoridade do Brás se utilizou, confiando a Batuíra, em 1906, aquela que seria sua obrigação: acolher uma mulher que, por falta de vaga no hospício, foi entregue à sua guarda!

"Progredir realmente é trabalhar sempre, servindo sempre mais."

Batuíra/Chico Xavier
Praça da Amizade

O gosto da cana

Germano era um menino traquinas que com seus amigos passou a infância a correr e brincar livre e solto pela Várzea do Carmo, Morro do Piolho, Lavapés e adjacências. Dentre suas diversões prediletas estava a de surrupiar cana e frutas do "apetitoso" quintal do "seo" Batuíra. Furtivo, espírito aventureiro, naquele dia as coisas não correram bem para Germano. Aquele toco a mais de cana que quis levar chamou a atenção de alguém nas proximidades e o guri surrupiador, na pressa de manter-se um incógnito amigo do alheio, feriu o pé no matagal e chegou em casa sangrando.

A mãe, preocupada, sentenciou o corriqueiro: Vá tratar do machucado no "seo" Batuíra. Ao que menino replicou: No "seo" Batuíra, não vou não. E a pendenga permaneceu por mais algum tempo até a zelosa mãe fazer valer sua autoridade materna e forçar o menino a obedecer. Constrangido, temendo ter sido descoberto, como poderia ele pedir ajuda ao próprio homem que havia roubado há instantes? Entre os dois corretivos e pensando na dor da machucadura, resolveu enfrentar o velho da Rua Espírita; afinal, ele foi tão rápido que Batuíra não deve ter visto a cara do larápio.

Lá chegando, Germano, o guri matreiro, sentiu-se aliviado, pois Batuíra só conversava trivialidades, supondo então que desconhecesse seu deslize. Atendido, levanta-se empertigado, arruma os suspensórios, agradece ao velho, dá-lhe as costas, quando, por último, ouve uma pergunta antes de cruzar a soleira da porta: Estava doce a cana?

"Como deixar um filho sem corrigenda, se te esmeras tanto em educar as plantas do teu jardim?"

Batuíra/Chico Xavier
Praça da Amizade

Ao pé do ouvido (19)

Batuíra, o Apóstolo do Espiritismo na capital paulista, instalara o seu grupo de estudo e caridade na Rua Lavapés, quando numa reunião social foi abordado pelo Dr. Cesário Motta (20), grande médico e higienista, então deputado federal, com residência no Rio.

(19) *Psicografia de Chico Xavier constante no livro Almas em Desfile, do Espírito Hilário Silva, Ed. FEB.*

(20) *Dr. Cesário Nazianzeno de Azevedo Motta e Magalhães Júnior (1847-1897) – Político e higienista, nascido em Porto Feliz-SP, formou-se em medicina e em 1877 foi eleito deputado provincial, destacando-se pela campanha encetada em favor da ampliação das escolas primária e secundária. Proclamada a República, elegeu-se deputado federal em 1890. No Governo de Bernardino de Campos (1892) ocupou a Pasta dos Negócios do Interior, dando início a um vasto programa de reforma educacional e sanitária. Como higienista, promoveu o saneamento do Porto de Santos e da Capital de São Paulo. Extinguiu a febre amarela, que então grassava em todo o Estado, deu combate e debelou a cólera-morbus e evitou a propagação da varíola. Foi, indiscutivelmente, Cesário Mota Júnior, um dos grandes vultos paulistas do século passado.*

Conversa vai, conversa vem, disse-lhe o Dr. Cesário, ao pé do ouvido:

Você, meu amigo, precisa precaver-se. Não sou espírita, mas admire-lhe a sinceridade. E tenho ouvido lamentáveis opiniões a seu respeito. Dizem por aí que você adota o nome de médium para explorar a bolsa pública; que você está rico de tanto enganar incautos e dizem também que você se isola com mulheres, em gabinetes, para seduzi-las, em nome da prece. Tudo calúnias, bem sei...

E que sugere o senhor? – perguntou o amigo, sereno.

É importante que você se abstenha do Espiritismo...

Mas, doutor – falou Batuíra, com humildade –, o senhor é médico e tem sido o nosso protetor na extinção da febre amarela e da varíola em São Paulo... Já vi o senhor tocar as feridas de muita gente... Enfermos para quem pedi seu amparo receberam a sua melhor atenção, embora vomitassem lama em forma de sangue... Nunca vi o senhor desanimar... Pelo fato de o senhor encontrar tanta podridão nos corpos, poderia desistir da medicina?

O Dr. Cesário sorriu, satisfeito, e falou:

Sim, sim... Não seria possível... Você tem razão... Esquecia-me de que há podridão também nas almas...

E, batendo nos ombros do velho amigo, encerrou a questão, afirmando, alegre:

Vamos continuar...

A bica do convertido

Certa vez uma senhora, esposa de rico fazendeiro, desenganada pelos médicos, tendo ouvido falar de Batuira e suas curas através da homeopatia, pediu ao marido que fosse até a Rua Espírita buscar tais remédios. O fazendeiro, tão poderoso quanto orgulhoso, a contra-gosto atendeu o pedido da companheira. A meio caminho, porém, como o orgulho falasse mais alto, encontrou uma nascente de água límpida e encheu a garrafa que portava e que serviria para trazer tais remédios e voltou para caça. Ao encontrar a esposa, entregou-lhe o líquido da fraude e disse-lhe: É para você tomar uma colher de sopa quatro vezes ao dia. Quando terminar eu volto para buscar mais.

Disciplinada, a esposa iniciou "o tratamento" e começou a apresentar melhoras para surpresa do fazendeiro. Ardiloso, ele arma um plano para desmascarar o "charlatão espírita".

O dia escolhido foi por ocasião de palestra pública. Lá vai ele, altaneiro, certo de ser possuidor de grande trunfo para desbancar o charlatão. Mas para quem se julgava de posse de uma armadilha, quem teve o choque da surpresa foi o próprio fazendeiro. Mal houvera se colocado entre a platéia, Batuira interrompeu a palestra e dirigiu-se diretamente a ele: o senhor perdeu seu tempo vindo até aqui. Era só encher de novo a garrafa com a água daquela bica, que os Espíritos colocariam os remédios na água para que a cura de sua esposa se concretizasse; faça isso e nada mais.

Envergonhado, o fazendeiro retirou-se do recinto, mas voltou no dia seguinte para nunca mais se afastar dos trabalhos do grupo.

"Enquanto conservas o pensamento no cofre do cérebro, há tempo bastante para que te dirijas no rumo do bem; entretanto, quando falas, o que dizes é uma parcela de ti mesmo que já começou a caminhar."

O tempo de...

Era assim todas as manhãs. Mal o galo cantara e ele já estava a ranger as trancas do velho casarão da Rua Espírita nº 28 para iniciar mais um dia de trabalho. Capotão branco e chapéu adormecidos na chapeleira, camisa de mangas arregaçadas, o velho patacão de ouro pendurado sempre no mesmo prego enferrujado à parede.

No afã trabalhoso do dia-a-dia, ele próprio era o linotipista, o impressor, o redator, o repórter e o revisor de seu requisitado Verdade e Luz. Às vezes, só se lembrava de comer ou de ver as horas quando o crepúsculo caía sobre a Paulicéia, que já era da garoa... aquele dia, porém, algo o impulsionou ao controle das horas que o fez dirigir-se ao velho prego enferrujado... eis que ele reina solitário na parede de tinta gasta. Onde teria Batuíra rompido sua rotina tão metódica? Onde poderia ter esquecido o amado patacão de ouro, cúmplice de mil jornadas?

Ele se propôs a uma reflexão. Companheiro fiel de tantos anos, implacável medidor do tempo, esse senhor da razão... E Batuíra até então não se dera conta da importância que aquele contador de minutos tinha para a vida das pessoas.

Mas o devaneio chega ao fim. A realidade da vida pede tempo rápido para a tomada de decisões e esse tempo chegou com a súbita entrada no recinto de um pobre homem maltrapilho que sabiam ser hóspede contumaz do cortiço do "seo" Batuíra. Ele fora pego tentando vender uma peça de valor incompatível com a sua indigência. Ao ver a velha corrente de ouro pendendo entre os dedos do zeloso policial e o inconfundível patacão querido em sua mão, o velho Batuíra acariciou sua veneranda barba encanecida com a mão esquerda uma, duas, três vezes e respondeu, não sem antes observar o ar de revolta que tomava conta dos presentes pela ingratidão flagrante do infeliz que tentou lesar o seu benfeitor:

Deixai-o ir; quem sabe não está a precisar mais do que eu?

Que lição mais penetrante poderia receber aquele pobre mancebo ingrato em seu momento infeliz? O relógio, por certo, venderia por poucos réis que seriam consumidos no tempo que viria a galope... o abrigo e a amizade de seu benfeitor, no entanto, permaneceriam sempre no tempo que estacionara...

Era assim todas as manhãs, tardes e noites, lições de um cristão no tempo de... amar e perdoar.

"O tempo, na Terra, é uma bênção emprestada."

Batuíra/Chico Xavier
Dicionário da alma

Simplesmente Zéca

Ninguém jamais soube o seu nome. Nem de onde apareceu, quem foram seus pais, que fio do destino o ligou a Batuíra no ano de 1888. Chamavam-no Zéca. Apenas Zéca.

Todas as manhãs, o orvalho da madrugada embebendo suas longas barbas brancas, pai Batuíra aproximava-se daquele carrinho de madeira que ele mesmo esculpira para "trono" do seu filho, e oferece-lhe o fruto do desejo daquele retardado mental e paralítico. Zéca puxa atabalhoadamente a barba do pai, que a todos poderia parecer um gesto agressivo, mas que o coração do velho Batuíra sabia sentir ser a linguagem do amor que, cúmplices, só pai e filho, conseguiam entender. Era o momento mágico de permutarem o combustível do amor que iriam gastar durante o dia. Ninguém ousava interromper o idílio. Até os mais desavisados sentiam necessidade de respeitar os momentos de intensa permuta dos dois.

O tempo passou. De criança a adulto continuava só Zéca. Às vezes o chamavam Zéca do Batuíra, mas Batuíra protestava, pois Zéca não lhe pertencia, Zéca pertencia ao amor.

Daquela quintal, que era o seu reino, daquela cadeira de madeira com rodinhas ao pé, que era seu trono, sua majestade, Zéca, acompanhou a saída daquele cortejo numa tarde em que o céu de São Paulo nunca houvera brilhado com tanta intensidade.

Naquele 23 de janeiro de 1909, Zéca esperou o orvalho da madrugada cair para agarrar seus fios de barba queridos e iniciar o dia, mas não os encontrou... as horas se passaram, o sol brilhava no Zenith... e então Zéca compreendeu. Uma lágrima furtiva rola-se-lhe pelo rosto em que

despontavam os seus primeiros fios de barba e seu espírito grandioso, acolitado naquele corpo de carne abençoado, compreende que o ciclo da vida, a serpente ouroboros que devora a própria cauda, estava por cumprir seu destino com Batuíra...

Zéca concluiu o seu ciclo aos 33 anos de idade. A barba ainda estava por fazer...

"Deus Nosso Pai envia-nos os necessitados de toda espécie e de todas as procedências para que lhes representemos a Providência Divina. Em toda parte, é possível receber esse mandato sublime e desempenhá-lo."

Batuíra/Chico Xavier
Bênçãos de amor

XIV

Chácara dos obsidiados

Além de tratar do corpo físico das pessoas, principalmente as mais carentes, através da água fluída, do passe e do receituário homeopático, Batuíra esmerava-se na parte espiritual, o que incluía os portadores de deficiências mentais que, na época, por falta de classificação médica das patologias, eram tratados como "loucos", "mentecaptos", idiotas e outros termos tidos hoje como pejorativos e substituídos por classificações técnicas como esquizofrênicos, neuróticos, maníacos-depressivos, etc... Batuíra, porém, tanto quanto os espíritas, já distinguia destes doentes os obsidiados, isto é, aqueles submetidos a uma influência espiritual negativa que lhes modificava e/ou interferia em suas reações sociais e psicológicas do dia-a-dia.

Assim, era sonho de Batuíra tratar desses pacientes em local aprazível, em meio à natureza, aplicando-se-lhes as terapêuticas espíritas. Para concretizar sua intenção, Batuíra adquiriu propriedade rural em Santo Amaro, comarca então separada de São Paulo, no começo do século.

O acesso a Santo Amaro era possível, desde 1887, por linha férrea a vapor construída pelo engenheiro Alberto Kuhlmann, que contava com quase vinte quilômetros de extensão desde o centro da Capital.

Pelo que traz de conteúdo o artigo publicado em Verdade e Luz de dezembro de 1905, foi no início daquele ano que começou a funcionar a Chácara dos Obsidiados do Batuíra no bairro do Jequirituba, com benfeitorias, animais e instrumentos rurais. Acompanhemos pelo seu texto as minúcias daquele empreendimento de caridade.



Foto mostrando a distribuição de Natal, em 1924, da Instituição Verdade e Luz

Vinte e cinco de dezembro

Completo-se hoje o primeiro aniversário da Instituição Cristã Beneficente "Verdade e Luz", e por isso cabe-nos aqui dar uma ligeira resenha dos fatos mais salientes que nela se deram no decurso do 1 ano que finda. No dia 23 de fevereiro assumiu a direção da chácara pertencente à Instituição o Sr. Francisco Victorino Pereira, auxiliado por sua esposa e por seus dois filhos. Na mesma ocasião foram internadas duas meninas, uma de 7, outra de 9 anos. Poucos dias depois deram ali entrada duas mulheres, uma de idade superior a 80 anos, já caducando, e outra de 30 anos, mentecapta. Entrou em seguida um moço de 28 anos, espécie de cretino, pois não se sabe governar. Deram entrada consecutivamente depois destes: uma menina órfã de 8 anos, um velho de mais de 50 anos, uma senhora muito obsedada; outra vinda do Estado de Minas Gerais; um menino de 9 anos, de físico raquítico, muito doentio, órfão de pai e mãe e, por derradeiro, uma menina de 10 anos, sofrendo a mais forte obsessão que se pode imaginar. Está, porém, quase curada.

No correr do ano, inúmeras pessoas recorreram aos diretores da chácara em busca de alívio a seus males, havendo entre eles muitos casos de obsessão, e todos foram prontamente atendidos, e ficando muito deles livres dos seus padecimentos.

Contam-se por milhares as pessoas que nos vieram pedir remédios e

consultas, aqui no estabelecimento da Instituição na Capital, os quais, graças à Divina Providência, obtiveram benéficos resultados.

Por falta de espaço deixamos de dar uma notícia mais detalhada, aguardando a oportunidade para fazê-la num dos próximos números.

Um ano mais tarde, Batuíra, após relatar as maravilhas que se obtinham naquela casa de caridade, onde muitos sofredores recuperaram a razão e a saúde, escrevia com justo entusiasmo: Deus muito tem protegido a Instituição Cristã, servindo-se deste seu servo e também de outros irmãos que nos estão auxiliando na chácara da Instituição, em Santo Amaro.

Conforme pensava Batuíra, a circulação de muitas pessoas com os mais variados tipos de problemas físicos, sociais e psicológicos na Rua Espírita não era recomendável para a convivência com os obsedados e "loucos", daí a necessidade de se ter um local mais apropriado para esses tipos de atendimento.

Após o desencarne do Batuíra, seus sucessores, ao passarem por dificuldades financeiras para sustentar a Entidade, houveram por bem vender a propriedade e acabar com esse serviço em 1917, conforme registro em seu Livro de Atas.

XV

O desencarne

Parecia que ele já conhecia o dia de sua partida. Sendo só ele e a esposa, já que o filho do primeiro casamento havia desencarnado em 1895 e o do segundo aos 12 anos em 1883, conforme relatamos, resolveu fazer a doação de seus bens para a Instituição Cristã Beneficente Verdade e Luz, conforme testa-mento lavrado em cartório e que reproduzimos em parte.

Artigo 6º - A Instituição tem por patrimônio os seguintes bens que lhe foram doados pelo seu atual administrador Antônio Gonçalves da Silva Batuira e sua mulher Maria das Dores Coutinho e Silva e por diversas outras pessoas, bens que são assim discriminados. – um sítio com as suas benfeitorias, animais, instrumentos rurais, etc., situado no bairro do jequirituba, município de Santo Amaro; um prédio sob o número vinte e oito da Rua Espírita, desta Capital com todo o seu mobiliário, a tipografia que nele se acha com todos os seus pertences; outro prédio na mesma rua acima designada, sob o número vinte e sete, sendo que deste prédio terá usufruto enquanto viver a sócia Maria das Dores Coutinho e Silva, passando por sua morte o dito prédio à Instituição.

Artigo 7º - O atual administrador, no caso de incapacidade física, poderá nomear uma pessoa idônea para substituí-los na administração e, acontecendo que não ache a pessoa em tais condições, o governo do Estado poderá chamar a si os próprios bens da Instituição. — Estatutos esses datados de três de janeiro de mil novecentos e oito, assinados por Antônio Gonçalves da Silva Batuira e com firma reconhecida na mesma data pelo quinto tabelião da Capital.

Demonstrando muito carinho e respeito às convicções religiosas de Maria das Dores, sua esposa, e num ato de generosidade em relação à mesma, Batuira mandou construir na Rua Espírita, ao lado do número 22, em 1907, uma capela católica, ao gosto da esposa, para os seus momentos de oração e reflexão. Conquanto sua profissão de fé definida, Batuira sabia compreender e amar mesmo aqueles que não professassem as mesmas idéias.

Depois da morte de D. Maria das Dores, a Capela ainda continuou a ser cuidada e conservada por membros sucessores da Instituição Verdade e Luz, como uma homenagem a Batuira e sua companheira, mas depois foi abandonada, descaracterizada em sua decoração original, que era muito simples, e hoje continua lá só a porta e o vestíbulo de entrada.

Este era um fato desconhecido da vida de Batuira, que apenas vem engrandecê-lo ainda mais.

Alquebrado pelo peso dos anos, mas sempre mantendo a mesma vitalidade e ânimo para cuidar de seu próximo, Batuira aguardava o momento que o Senhor o chamaria de volta a Seu Aprisco. Súbita enfermidade o atinge naquele início de 1909 e à primeira hora da manhã do dia 22 o grande Apóstolo do Espiritismo Batuira parte para a Outra Vida. Às 16 horas desse dia, seu corpo é enterrado no Cemitério Consolação no túmulo em que já estava o corpo de seu filho Joaquim, à Rua 11, lado direito, túmulo n° 37.



Fotos atuais da Fachada da capela "católica" que Batuira construiu em 1907 para sua esposa. A casa ao lado é uma das poucas que conserva alguns traços arquitetônicos do começo do século na rua Espirita.



O movimento espírita brasileiro lamentou profundamente a partida daquele que fora um grande líder e exemplo de um dos maiores espíritas que reencarnaram para implantar o Espiritismo em terras brasileiras. Vejamos como se manifestaram alguns dos periódicos da Capital sobre o ocorrido.

A Platea, 23/1/1909, Sábado

Faleceu ontem à 1 hora da madrugada o sr. Antônio Gonçalves da Silva Batuira, fundador da imprensa espírita neste Estado e redator proprietário da Verdade e Luz. O enterro realizou-se ontem às 4 da tarde para o Cemitério da Consolação, saindo o féretro da Rua Espírita n° 28.

O São Paulo, 23/1/1909, página 4

Falecimentos

Ontem, à 1 hora da madrugada, o sr. Antônio Gonçalves da Silva Batuira. Seu enterro efetuou-se ontem mesmo com grande acompanhamento, saindo o féretro da Rua Espírita n° 28 para o Cemitério da Consolação. O finado era de origem portuguesa, contava com 71 anos, e chegou ao Brasil em 1857, com 18 anos de idade. (informações incorretas)

O Reformador, entre outras coisas, declarou:

Sua desencarnação representa uma perda sensível ao Espiritismo, de que se constituía uma tradição viva, sobretudo no que tem de excelente a nossa Doutrina – a prática do bem. E após ressaltar-lhe os beneméritos serviços, o órgão da Federação Espírita Brasileira tecia esta feliz comparação: Por isso, o seu desprendimento, aos 70 anos de existência meritória, foi como um desses crepúsculos sem nuvens, em que o Sol não se esconde, luminoso e sereno, às nossas vistas, senão para ressurgir com um esplendor maior no hemisfério oposto.

Diário Popular, 22/01/1909

Cerca de uma hora da madrugada faleceu nesta capital o Sr. Antonio Gonçalves da Silva Batuira, muito conhecido e estimado em nosso meio.

XVI

A instituição cresceu e sobrevive até hoje

A perda de um grande líder sempre abala a vida das Instituições a que pertence. Com a Verdade e Luz não foi diferente, até porque, sem uma fonte de renda e seu sustentáculo, que era o Batuira, as dificuldades se tornaram quase intransponíveis.

Os problemas começaram logo após o desencarne de Batuira. Parentes da viúva convenceram-na a tentar anular a doação dos imóveis e a Diretoria da Entidade se viu obrigada a contratar os advogados Senador José Luiz de Almeida Nogueira e Guilherme Fischer Júnior. Pela ação dos dois, o Poder Judiciário confirmou a posse dos bens por parte da Instituição.

Em 1909 as finanças da Instituição eram precárias, constavam dos imóveis legados, que nada produziam para cobrir as grandes despesas. Para o sepultamento dos restos mortais de Batuira e para a manutenção da viúva, que faleceu em 1914, foi preciso a solidariedade de amigos e confrades, bem poucos, naquele tempo.

A Instituição continuou a decair financeiramente sob a orientação de seus administradores. Em fins de 1920 seus haveres estavam para ser arrematados em praça pública, quando surgiu Pedro Lameira de Andrade para impedir esse fato.

Não podendo reerguê-la à altura de seus merecimentos, melhorou-a muito e evitou o seu desaparecimento, que seria uma vergonha para os espiritistas de São Paulo. Esse batalhador incansável administrou-a durante 16 anos, norteado sempre pelos conceitos de trabalho, abnegação e pobreza, dentro dos quais regressou à espiritualidade em 1 Março de 1937. Fundou a Escola Mista Primária Cruzeiro do Sul, inaugurada a 13 de maio de 1935, e, em 05 de maio de 1936, fundou a Escola Profissional Feminina Batuira, com cursos inteiramente gratuitos.

As escolas foram desdobradas sob a administração de D. Maria Janoni Novazzi, que entrou para Instituição como Secretária em 1934 e assumiu a administração em 05 de março de 1937. Recebeu a Instituição onerada de dívidas e ainda sob o peso de um título hipotecário sobre o único

imóvel existente à Rua Espírita n° 116.

Não esmoreceu. Desdobrou os cursos primários e profissionais e continuou a manter a Escola Dominical para o ensino da Moral Espírita às crianças do bairro. Liquidou a hipoteca e dentro de dois anos saldou as dívidas existentes e fundou, a seguir, o Abrigo "Batuíra", localizado em Poá, distante 33 km da Capital, em sede própria.

Sob a administração de Maria Novazzi, o patrimônio da Instituição foi aumentado ainda mais com a aquisição de uma propriedade na cidade de Porto Ferreira, onde é mantida uma Casa Maternal.

A seguir, relacionamos os administradores dos 95 anos oficiais de existência da Instituição Cristã Beneficente Verdade e Luz.

De 25 de dezembro de 1904 a janeiro de 1909

Senhor Antônio Gonçalves da Silva Batuíra

De 17 de fevereiro de 1909 a 25 de janeiro de 1912

João Raul Gonçalves da Silva (sobrinho de Batuíra)

De 25 de dezembro de 1912 a 26 de agosto de 1917

Dídimo Pereira

De 26 de agosto de 1917 a 06 de março de 1918

Raul Silva

De 06 de março de 1918 a 1 de dezembro de 1919

Dídimo Pereira

De 28 de dezembro de 1919 a 06 de abril de 1921

Jaime Ferreira

De 06 de abril de 1921 a 10 de março de 1938

Dr. Pedro Lameira de Andrade

De 04 de março de 1938 a 25 de dezembro de 1992

Maria Jannoni Novazzi

(administradora — reforma de estatutos)

De 25 de dezembro de 1992 a 25 de dezembro de 1995

Maria Jannoni Novazzi — Presidente

De 25 de dezembro de 1995 a 25 de dezembro de 1998

Lorehy Novazzi — Presidente

Trabalho e sacrifício

“Trabalhar, sim, porque e trabalhando no bem de todos que enxugaremos as próprias lágrimas e venceremos as próprias fraquezas, de modo a que todo mal nos esqueça, por invulneráveis as arremetidas das sombras”

Batuíra/Chico Xavier
Paz e Renovação



Hasteamento da Bandeira Nacional durante inauguração do Pavilhão “Lameira de Andrade”, no Abrigo Batuíra, em Poá, quando compareceram 6 mil pessoas ao evento, de acordo com a revista *A Centelha*, de setembro de 1945.

XVII

Batuíra materializado

Um dos médiuns de efeitos físicos mais fantásticos que o Brasil já teve foi Francisco Peixoto Lins, o Peixotinho, que por muitos anos realizou sessões de materialização totalmente documentadas e estudadas cientificamente.

A credibilidade irrefutável do médium ganhou reforço com a publicação do excelente livro *Dossiê Peixotinho* por Lamartine Palhano Júnior e Wallace Fernando Neves (21), que traz farta documentação das sessões realizadas por Peixotinho. Para quem se dispuser a uma viagem, em Campos dos Goitacazes — RJ, há o Museu do Peixotinho no Grupo Espírita Allan Kardec, que pode ser visitado.

(21) Editado pela Publicação Lachatre Editora e Capemi (1997).

O livro citado dos confrades Lamartine e Wallace transcreve algumas atas das sessões relatando materializações de Batuíra que mostramos a seguir.

Reunião de 06/12/1946 do Grupo Espírita André Luiz

(...)

"Estando presente à nossa reunião, pela primeira vez, o conhecido espiritista de Nova Iguaçu, Vitorino Elói dos Santos, e, não querendo fugir à praxe, consultou-se o Alto sobre se esse nosso amigo poderia permanecer na reunião. Aracy nos responde que ele já fora contemplado no Grupo Espírita Pedro, em Macaé (RJ), com a materialização do espírito de sua filha Ilka, então recentemente desencarnada, estava bastante capacitado para tanto".

Segundo um informe secundário, Amadeu anotou:

"Os trabalhos têm o seu curso normal e costumeiro, em sintonia com os do Grupo Espírita Pedro, às mesmas horas levados a efeito em Macaé, em benefício dos sofredores"

Após, houve a presença física do espírito José Grosso, que, entre outras coisas, informou que Scheilla e Aracy estavam preparando letra e música de um hino que seria ofertado aos presentes por escrita direta. Para tal, já haviam sido colocados alguns papéis em branco, atentamente

examinados, sobre uns fardos perto da cabine. Depois, deve ter sido maravilhoso, pois escreveu Amadeu:

"São vistos, então focos luminosos em várias direções e de diversas cores, notadamente vermelhas, azuis e amarelas. Aparece a iluminação característica anunciadora da presença do elevado espírito Abel Gomes."

Mais tarde, José Grosso confirmou que Abel Gomes estava presente, mas quem se comunicou naquele momento foi o espírito Batuíra:

"Batuíra, o abnegado pioneiro do espiritismo em terras de Piratininga, produz várias explosões luminosas de grande efeito que a todos alegrou. Um foco de luz cor de fogo se transforma em várias nuances delicadas. Novo fenômeno de voz direta se observa: é Batuíra que faz uma preleção doutrinária de alta transcendência científica e evangélica".

Em seguida, materializou-se o espírito João Passos, cientista brasileiro, desencarnado em Caxambu (MG). Foi nesse momento que José Grosso voltou a falar e disse que Abel Gomes estava presente. Apareceu então um bloco luminoso, quase em formato de cruz. José Grosso informou também que o espírito Davi, pai do Amadeu, havia modelado uma mão e o braço esquerdo. Em seguida, disse: — Como não posso eu oferecer outra coisa, recebam isto. E atirou várias pedras que caíram aos pés de Amadeu Santos.

No momento anterior, enquanto o espírito de Batuíra estava falando, o seu retrato na parede parecia alterado, com um contorno de luz. Amadeu perguntou ao Zé Grosso se havia sido o próprio Batuíra que fizera aquilo. Ele respondeu: – Foi o Júlio!

Logo em seguida:

"Uma rajada de luz policrômica se desprende da cabine, tomando o recinto por inteiro de uma iluminação feérica" – escreveu Amadeu. "O José disse-nos que foi Nina Arueira quem produziu esta luz, adiantando que o seu efeito seria mais atraente ainda, se o salão estivesse em trevas".

Aqui vamos descrever uma excelente atuação do espírito Nina Arueira, citando Amadeu Santos:

"O espírito lúcido de Nina Arueira aparece do lado direito da cabine e dirige-se a Laís, afagando-a e deixando flocos miúdos de parafina por sobre a cabeça. A querida entidade ostenta um traje feminino, quase totalmente tomado por uma espécie de túnica transparente, alvíssima.

Voltando à cabine, surge do lado esquerdo e dirige-se oralmente a Laís, nestes termos: – Laís, peço-lhe que cante o hino "Pai do Céu", de que tanto gosto e que representa uma prece ao Criador. Os assistentes que se achavam perto da entidade notaram que seus lábios se movimentavam com facilidade ao falar. Sentiu-se um odor agradável e sutil a essa altura dos trabalhos. Regressando à cabine, novos focos de luz se apresentam, inclusive a irradiação de uma luz vermelha debaixo do leito do médium. Nina ainda nos fala de voz direta, dando-nos sublimes ensinamentos e pedindo para transmitirmos um abraço ao confrade de Campos, professor Clóvis Tavares, que fora seu noivo em vida e é o atual presidente da Escola Espírita Jesus Cristo, obra de assistência social inspirada pela bondosa entidade." (...)

Reunião de 10/12/1946 do Grupo Espírita André Luiz

Na reunião seguinte, dia 10 de dezembro de 1946, Laís considera-se curada de seus males, e novos fenômenos são relatados, após o médium Lins ter entrado na cabine.

"Surtem várias irradiações de luz na penumbra feita no recinto. Nina apresenta-se-nos" — escreve Amadeu Santos — "materializada. O espírito Davi (pai do Amadeu Santos) sucede àquela entidade, vindo à assistência e distribuindo cravos naturais aos presentes".

Quase todas as pessoas receberam cravos de diversas cores naquela noite. O espírito José Grosso, além de conversar com todos, jogou algumas pedras no ambiente. E, espetáculo, os espíritos de Scheilla e de Abel Gomes aparecem simultaneamente materializados em pleno ar, a certa altura do piso. O espírito dr. João Passos também se materializou e ficou próximo à cabine, ao lado esquerdo.

Em dado momento, o espírito Abel Gomes estava materializado e via-se ao seu lado o busto respeitável do espírito Batuira, numa materialização parcial, aparecendo somente o seu rosto com sua respeitável barba hirsuta. Logo em seguida, Scheilla pediu que os trabalhos fossem encerrados.

O confrade Inácio, que estava na cabine para aplicar passes no médium e despertá-lo, disse que ainda ouvia vozes e via uma luz forte de cor escarlate. O espírito Abel Gomes deixou uma luva de parafina. Na repesagem dos companheiros, verificou-se que dr. Amadeu havia perdido um quilo, bem como Peixoto, dr. Levindo, dr. Alfredo Cruz. Apenas Jacks

Aboab havia perdido dois quilos.

Reunião de 12/12/1946 do Grupo Espírita André Luiz.

No relato da reunião do dia 12 de dezembro de 1946, após o médium ter-se retirado para a cabine, vários espíritos vieram até a assistência, entre eles José Grosso, Davi, Nina Arueira e Bezerra de Menezes. O espírito Davi, materializado, deixou nas mãos de Dulce, sobrinha do Amadeu, uma flor em parafina para Laís. O espírito José Grosso também, sempre intermediando nos intervalos, entre uma atividade espiritual e outra. José fez uma modelagem, uma flor em parafina, e a ofereceu à Dulce. Para os assistentes ele ofereceu seis pedras, de várias dimensões, que foram jogadas aos pés dos assistentes. Depois, materializaram-se os espíritos Ilka Elói dos Santos e Neuza Magaldi. Logo em seguida houve explosões de luz de diferentes matizes, provocadas pelos espíritos Abel Gomes, Batuira e Nina. Noutro instante, conta Amadeu Santos:

"Uma voz me convida para ir à cabine. Lá o espírito Abel Gomes, trajando vestes comuns, sem a costumeira túnica alva, tocou-me nas mãos com uma luva de parafina ainda quente, quase me queimando, para provar-me a autencidade do fenômeno".

Reunião de 10/2/1947 do Grupo Espírita André Luiz

No dia 1º de fevereiro, sábado, sessão considerada de tratamento espiritual para enfermos de toda sorte, estavam no salão pelo menos 29 pessoas, incluindo as do grupo, alguns visitantes do Rio, de Nova Iguaçu e de Juiz de Fora. Na seqüência dos aparecimentos, vieram os espíritos: Aracy, por incorporação do médium Peixotinho, dando instruções; Scheilla, que pede pela manutenção da pequena lâmpada acesa; Neuza Magaldi, que tenta conversar com seu pai Aleixo Victor Magaldi; José Grosso, estabilizando o ambiente; Fidelinho, aureolado de luz; Nina Arueira, atendendo a irmã Laís, concomitantemente materializando-se; Neuza Magaldi, no centro da cabine, bem no alto, quase tocando no teto; "Mãe Iza", que se dirigia à sua filha, dona Marília Barbosa Machado e à neta, Ilza Chaves de Almeida; novamente José Grosso, dizendo que havia feito uma luva de parafina, aparecendo materializado, muito alto, cerca de dois metros de altura, escreveu versos nos papéis para esse propósito,

rubricados anteriormente. Enquanto escrevia, um foco de luz projetava-se sobre o seu vulto. Essa luz foi providenciada pelo espírito Fidelinho. José Grosso jogou algumas pedras, das quais ofertou a menor para Dona Risoleta, e a maior para o Inácio; Aracy vem e avisa que ela e Batuira haviam escrito dois sonetos no álbum de Dulcinha. Finalmente o espírito André Luiz surgiu, fez breve palestra e sugeriu o término dos trabalhos. No final da reunião constatou-se que os papéis rubricados estavam escritos com quadrinhas do José Grosso. Primeiro vamos transcrever os dois sonetos de Batuira e Aracy, respectivamente, deixados no álbum de Dulcinha:

Para o álbum de Dulcinha:

Menina-moça, formosa,
 Liberta-te da ilusão;
 Procura o doce clarão
 Dessa vida esplendorosa.

Nessa idade, és uma rosa,
 Um jasmim ainda em botão;
 Põe Jesus no coração
 Que ficarás perfumosa.

Que sejas sempre um encanto
 De amor puro e sacrossanto
 Para toda a humanidade.

Trabalha Jesus
 E com carinho conduze
 A todos da tua idade.
 Do Batuira (...) (22)

(22) Nos limitamos a transcrever até este ponto das citações de Batuira.

XVIII

Presença do espírito de Batuira na produção psicográfica de
Chico Xavier

No ano de 1945, o querido médium Francisco Cândido Xavier, doou os direitos autorais de sua obra psicografada de Espíritos diversos Coletânea do Além para o Abrigo Batuira de Poá. Publicado pela Livraria Allan Kardec, o Espírito de Batuira psicografou a seguinte mensagem de apresentação:

Palavras de Amigo

Meu irmão, permaneça em seu espírito a bênção de Jesus, o nosso Divino Mestre.

Agradecemos a você que adquiriu estas páginas, em favor de nosso trabalho de assistência aos pequeninos.

A obra é grande, meu amigo, e reclama companheiros de boa vontade.

Por esse motivo, com o meu reconhecimento, endereço-lhe um apelo: Venha e ajude-nos! Reunamo-nos a serviço do Evangelho!

A sementeira do bem produzirá para o seu próprio benefício.

A colheita de amanhã dependerá de seu trabalho de hoje.

Em virtude de semelhante realidade, não nos alongaremos através de muitas palavras para somente repetir com Emmanuel — a criança é o futuro.

E todos nós estamos a caminho do infinito porvir.

Batuira

Pedro Leopoldo, 10 de Setembro de 1945.

Em 1970, 104 orientações do Espírito Batuira são enfeixadas no livro Mais Luz, que recebe o seguinte prefácio de Emmanuel:

Empenho no auxílio aos irmãos de ideal, Batuira — o apóstolo da Doutrina Espírita, credor de nossa admiração e respeito — escreveu este livro dedicado especialmente aos lidadores da seara da verdade e da luz a

que se consagrou na Terra.

Constituído de ensinamentos e anotações, advertências e lembretes vinculados à Nova Revelação, este volume é o próprio coração do companheiro que fala, orientando a jornada daqueles que procuram no Cristianismo Redivivo as auras renovadoras da imortalidade e da esperança.

Em razão disso, as páginas aqui enfeixadas se erguem, à feição de marcos fulgurantes, indicando o rumo da felicidade e da libertação espiritual.

Entregamo-las, assim, ao leitor amigo, como quem transmite um sagrado depósito, não só porque Batuíra se nos levante na alma por amigo benemérito a quem muito devemos, mas também porque a sua mensagem é um cântico de amor que nos convida à construção do bem, como a dizer-nos, de capítulo a capítulo, que mais trabalho significa sempre mais luz.

Aprendamos, pois, com o missionário da caridade, as lições salvadoras de que se faz mensageiro e, agradecendo-lhe a dádiva luminosa, roguemos ao Senhor nos sustente e nos abençoe.

Emmanuel
Uberaba, 4 de Julho de 1970.

A seguir, relacionamos os assuntos tratados por Batuíra nessa obra:

- 1) Trabalhar, Trabalhar!
- 2) Amor, a Solução
- 3) Deus é Amor
- 4) Nos Tempos Novos
- 5) Abençoemos
- 6) Amor Sempre
- 7) Em Nós Mesmos
- 8) Dissipando Sombras
- 9) O Segredo do Trabalho
- 10) Confiantes e Serenos
- 11) Operação da Paz

- 12) Agradecemos Sempre
- 13) Oração e Vigilância
- 14) Servir Mais, Trabalhando Mais
- 15) Confiando e Servindo
- 16) Fraternidade
- 17) União de Vistas
- 18) Na Seara de Jesus
- 19) Salário
- 20) Talento de Vida Eterna
- 21) Confraternização
- 22) Em marcha
- 23) Suprimento
- 24) Caravana e Mensagem
- 25) Nas Mãos de Jesus
- 26) Grupo Espírita
- 27) Trabalho e Vida
- 28) A Luz Também Luta
- 29) Na Renovação Espiritual
- 30) Mediunidade Sincera
- 31) Mediunidade com Jesus
- 32) Dever Simples
- 33) Constância
- 34) Mediunidade e Nós
- 35) Aqueles Que Ferem
- 36) Jesus e Nós
- 37) Na Jornada Espiritual
- 38) Diante de Ofensas
- 39) Em Paz Com Todos
- 40) Nos Testemunhos do Bem
- 41) Continuar e Recomeçar
- 42) Na Viagem Humana
- 43) Jesus Vela
- 44) Nas Tarefas da Alma
- 45) Ante o Futuro
- 46) Continuidade

- 47) Obstáculos
- 48) Corrigenda Na Visão
- 49) Equipe e Orientação
- 50) Trabalhar Servindo, Servir Trabalhando
- 51) Ânimo e Fé Viva
- 52) Na Extinção do Mal
- 53) Dor, Sublime Companheira!
- 54) A Melhor Oportunidade
- 55) Médiuns e Mensageiros
- 56) Ouçamos uns aos Outros
- 57) O Pioneiro e a Pedra
- 58) Diligência
- 59) Luz na Lâmpada
- 60) Amor, Bálsamo Divino
- 61) Confiança
- 62) Apoio
- 63) Esperança
- 64) Vitórias
- 65) Nos Momentos de Crise
- 66) Mais União
- 67) Nós em Nós
- 68) Nada de Bom sem Esforço
- 69) Ante os Pioneiros
- 70) Se Trabalharmos
- 71) Amparo Mútuo
- 72) Companhia Valiosa
- 73) Na Farmácia da Alma
- 74) Socorro Divino
- 75) Conforto e Nós
- 76) Comunicação
- 77) A Força do Trabalho
- 78) Muito da Vida
- 79) Na Seara do Bem
- 80) Mudanças
- 81) Meditemos Nisto

- 82) Programa
- 83) Seguindo à Frente
- 84) Beneficência e Trabalho
- 85) Ante a Mulher
- 86) Criança e Trabalho
- 87) Mães
- 88) Disciplina e Firmeza
- 89) Amparo à Criança
- 90) Crianças Sem Lar
- 91) Criança e Ambiente
- 92) Oração
- 93) Meditemos
- 94) Mais Trabalho
- 95) Trabalho, Trabalho, Trabalho
- 96) Reajuste
- 97) Jesus à Frente
- 98) Servir Sempre Mais
- 99) Solidariedade
- 100) Defesa
- 101) Passes Curativos
- 102) Evangelho em Casa
- 103) Divulgação
- 104) A Quem Mais Tem

Demais obras de Chico Xavier:

- Vozes do Grande Além — 1957 — Ed. FEB
- Servir para Merecer
- Dicionário da Alma — 1964 — Ed. G.E.F. (Antologia)
- Aperfeiçoamento
- Caridade
- Facilitar
- Livro
- Tempo
- Berço

Luz no Lar — 1968 — Ed. CEC

— Fidelidade

— Trabalho e Sacrifício

Coragem — 1972 — Ed. CEC

— Ainda Quando

Chico Xavier Pedo Licença (Co-Autor Herculano Pires) – 1972

– Atualidade Terrestre

Calendário Espírita - 1974 – Livraria Espírita "Boa Nova" (Antologia)

– Trabalho e Sacrifício

Seguindo Juntos – 1982

– Ante o Mundo Melhor

– Trabalho, O Grande Privilégio

– Donativo de Amor

Praça da Amizade – 1982 – CEU

– Citações do progresso

– Recados do perdão

– Instruções do tempo

– Maternidade e aborto

– Perdão e vida

– Apartes da coragem

– Falas e vozes

Recados da Vida – 1983

– Tendes e tereis

– Deus e o Homem

Escultores de Alma – 1987 – CEU

– Cooperação encadeada

Irmãos Unidos – 1988

– Oração do trabalho

Bênçãos de Amor — 1993 — CEU

— Deus Nosso Pai

Antologia da Paz -1994

— Deus Nosso Pai (Fragmento)

Obras do autor

- A Extraordinária Vida de Jesus Gonçalves – Editora Correio Fraternal do ABC, 1980.
- Olá Amigos! (Co-autoria Euríclede Formiga/Espíritos Diversos, Prefácio Chico Xavier) – Instituto de Difusão Espírita, 1981.
- Motoqueiros no Além (Co-autoria Euríclede Formiga/Espíritos Diversos, Prefácio Chico Xavier) – Instituto de Difusão Espírita, 1982.
- Cairbar Schutel, o Bandeirante do Espiritismo (Co-autoria Wilson Garcia) – Casa Editora "O Clarim", 1986.
- Anália Franco, a Grande Dama da Educação Brasileira – Editora Eldorado Espírita, 1992.
- Sinal de Vida na Imprensa Espírita (Co-autoria Wilson Garcia) – Editora Eldorado Espírita/EME, 1994.
- Anais do Instituto Espírita de Educação – Edição IEE, 1994.
- Vinicius, Educador de Almas (Co-autoria Wilson Garcia) – Editora Eldorado Espírita/EME, 1995.
- Allan Kardec, o Druida Reencarnado – Editora Eldorado Espírita/EME, 1996.
- O Templo Maçônico e as Moradas do Sagrado – Editora A Trolha, 1996.
- USE, 50 Anos de Unificação (Co-autoria Natalino D'Olivo) Edições USE, 1997.
- Victor Hugo e Seus Fantasmas – Editora Eldorado Espírita/EME, 1997.
- Jésus Gonçalves, o Poeta das Chagas Redentoras – Editora Eldorado Espírita/EME, 1998.
- A Maçonaria e as Tradições Herméticas – Editora A Trolha, 1999 (no prelo).
- História da Dramaturgia com Temática Espírita – Edições USE — 1999 (no prelo).

Bibliografia

- Abreu, Canuto de — Bezerra de Menezes — Subsídios para a História do Espiritismo no Brasil até o ano de 1895, FEESP, sem data.
- Amaral, Antonio Barreto do — História dos Velhos Teatros de São Paulo — Col. Paulística, Vol. XV. Publicação do Gov. do Estado de São Paulo, 1979.
- Anuário Espírita — Diversos anos, IDE.
- Assis, Joaquim Maria Machado de — Crítica Teatral — W. M. Jackson Inc. Editores, 1937.
- Bertoni, Armando — Na velha São Paulo. Publicação feita sob os auspícios das Casas Pernambucanas, 1942.
- Bruno, Ernani da Silva — História e Tradição da Cidade de São Paulo — Ed. Especial sob patrocínio da Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954.
- Costa, Emília Viotti da — A Abolição. Global Editora, 1982.
- Enciclopédia Barsa — vários volumes.
- Ensino Renovado de Biografias — 30 Vol. — Editora Formar, s/data.
- Esboço Histórico da Federação Espírita Brasileira, Ed. FEB, 1912.
- Ferreira, Bruno — Meio Século de São Paulo. Edições Melhoramentos, 1954.
- Freitas, Affonso A. de — A Imprensa Periódica de São Paulo — Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 1915.
- Freitas, Affonso A. de — Tradições e Reminiscências Paulistanas, Coleção Reconquista do Brasil (Nova Série), Vol. 92. Ed. Itatiaia/USP, 1985.
- Godoy, Paulo Alves — Grandes Vultos do Espiritismo — Edições FEESP, 1981.
- Guerra, Juvêncio/Guerra, Jurandyr — Almanach comemorativo do 1 Centenário do Município de Santo Amaro (10-7-1832/10-7-1932), oficializado pela Prefeitura Municipal e Conselho Consultivo de Santo Amaro.
- Ibsen, Stig Roland — Catálogo Geral das Cem Obras de Chico Xavier, Edigraf, 1970.

- Lex, Ary – 60 Anos de Espiritismo em São Paulo. Edições FEESP, 1 Edição, 1996.
- Machado, Ubiratan – Os Intelectuais e o Espiritismo – De Castro Alves a Machado de Assis. Edições Antares/Instituto Nacional do Livro, 1 Edição, 1983.
- Marques, Gabriel – Ruas e Tradições de São Paulo. Conselho Estadual de Cultura, 1966.
- Martins, Antonio Egídio. São Paulo Antigo (1554a 1910). Conselho Estadual de Cultura, 1957.
- Moura, Paulo Cursino de – São Paulo de Outrora – Evocações da Metrópole. Livraria Martins Editora, 1954.
- Monteiro, Eduardo Carvalho – Anália Franco, a Grande Dama da Educação Brasileira. Editora Eldorado Espírita, 1 Edição, 1992.
- Monteiro, Eduardo Carvalho/Garcia, Wilson – Cairbar Schutel, o Bandeirante do Espiritismo. Casa Editora "O Clarim", 1 Edição, 1986.
- Monteiro, Eduardo Carvalho/Garcia, Wilson – Sinal de Vida na Imprensa Espírita. Editora Eldorado Espírita/EME, 1 Edição, 1994.
- Monteiro, Eduardo Carvalho/D'Olivo, Natalino — USE — 50 Anos de Unificação. Edições USE — Série "Documentos Históricos do Espiritismo", 1 Edição, 1997.
- Neves, Margarida de Souza/Heizer, Alda — A Ordem é o Progresso — O Brasil de 1870 a 1910. Atual Editora, 1994. — Nogueira, Almeida — A Academia de S. Paulo — Tradições e Reminiscências—Estudantes, Estudantões, Estudantadas, Vol. II (Segunda Série), 1907.
- Palhano, Jr. Lamartine/Neves, Wallace Fernando — Dossiê Peixotinho. Publicações Lachâtre Editora/Capemi, 1997.
- Pinto, Alfredo Moreira — A Cidade de São Paulo em 1900. Imprensa Nacional, 1900.
- Humor Negro — Opúsculo sobre Luis Gama. Coordenadoria Especial do Negro — Prefeitura de São Paulo, 1991.
- Santos, Amadeu — O Retumbar da Trombeta. Ed. FEB, 1942.
- Sesso Jr., Geraldo — Retalhos da Velha São Paulo. Ed. Maltese, 1 Edição, 1985.
- Taunay, Affonso de — História da Cidade de São Paulo. Edições Melhoramentos, s/data.

— Xavier, Francisco Cândido (Psicografia, v. capítulo interno), obras consultadas:

- Coletânea do Além
- Mais Luz
- Vozes do Grande Além
- Dicionário da Alma
- Luz no Lar
- Paz e Renovação
- Coragem
- Chico Xavier Pede Licença
- Seguindo juntos
- Praça da Amizade
- Recados da Vida
- Escultores de Almas
- Irmãos Unidos
- Bênçãos de Amor
- Antologia da Paz
- Almas em Desfile
- Calendário Espírita
- Wantuil, Zeus — Grandes Espíritas do Brasil, Ed. FEB, 1969.

Jornais e Revistas consultados:

- Revista O Revelador
- Revista Reformador
- Revista A Centelha
- Revista LEESP
- Revista Verdade e Luz
- Revista Internacional do Espiritismo
- O Clarim — 1905 a 1960
- Verdade e Luz
- O Estado de São Paulo
- Correio Paulistano
- A Platéia
- Jornal do Comércio

- Diário Popular
- A Província de São Paulo
- A Tribuna de Santos

Arquivos e Bibliotecas Visitados:

- Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo
- Arquivo Geral do Estado de São Paulo
- Biblioteca da Federação Espírita do Estado de São Paulo
- Instituição Cristã Beneficente "Verdade e Luz" (SP)
- Abrigo Batuíra (Poá)
- Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo
- Biblioteca "Mario de Andrade" (Municipal de São Paulo)